

Reflexão Jornalística sobre o Relato Desportivo

João Miguel Santos Nunes

Relatório

**de Estágio de Mestrado em Ciências da Comunicação - Estudos dos
Media e de Jornalismo**

Abril, 2013

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Estudos dos Media e de Jornalismo realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor Jacinto Godinho

Agradecimentos

Quero agradecer aos meus pais e aos meus avós pela paciência e pela ajuda que sempre me deram.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Doutor Jacinto Godinho, pela disponibilidade e pelo gosto que sempre demonstrou em discutir os temas sobre os quais este trabalho incide. Professor, se passar esta etapa, conto consigo no doutoramento.

Aos meus amigos, sem exceção, por todo o apoio e compreensão nas alturas em que o tempo escasseou.

Obrigado à FCSH, aos seus professores e demais colaboradores.

Agradeço também a todos os jornalistas que se mostraram disponíveis para ser entrevistados e responder ao inquérito.

O meu muito obrigado a todos os profissionais das rádios locais com que colaborei e onde muito aprendi, em especial aos do projeto “Desporto na Hora”, que bastante contribuíram para a minha formação.

Por fim, um agradecimento à Antena 1, aos seus jornalistas, técnicos e demais colaboradores, pela disponibilidade e pela ajuda. Em especial, à equipa de desporto, a todos sem exceção por tudo o que fizeram por mim. Estou-vos eternamente grato.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir academicamente sobre o relato desportivo. O tema foi até hoje pouco estudado, embora a narração de acontecimentos desportivos seja presença assídua nas grelhas de programação das estações de rádio.

Se na prática parece existir um consenso em relação à forma como o relato desportivo deve ser feito e sobre o papel que cada um desempenha no mesmo, a verdade é que no plano teórico poucas definições existem em relação ao relato desportivo em si e sobre quem o pratica.

Durante o nosso estudo, tentaremos balizar e conceptualizar a prática do relato e perceber se ele é um ato jornalístico e, caso seja, em que género se enquadra.

Procuraremos igualmente caracterizar as funções do relator, perceber o que influencia a sua prestação, afluindo temáticas de particular interesse como a questão clubística ou a problemática deontológica.

Abordaremos também a questão do futuro do relato desportivo. Tentaremos compreender se o relato continuará a existir e se a sua continuidade será assegurada nos moldes atuais ou se a forma como é feito será alterada. Olharemos de forma atenta para o advento da internet e para as novas plataformas onde é possível ouvir rádio.

Para complementar a informação recolhida durante o estágio, recorreremos a entrevistas e à aplicação de um inquérito a jornalistas desportivos.

No nosso trabalho damos maior ênfase à narração futebolística. Em Portugal, os desportos com mais tradição de narração radiofónica são o hóquei em patins e o futebol, embora nos últimos anos a narração do hóquei tenha praticamente sido extinta.

Por isso, embora possa ser um pouco abusivo, a expressão relato desportivo, no nosso trabalho, acaba por se referir quase sempre ao relato de um jogo de futebol.

PALAVRAS-CHAVES: relato desportivo; narração; jornalismo; futebol

ABSTRACT

The goal of the present study is to reflect academically about sports reporting.

This subject has not been much studied until now, although sports reporting has a constant presence on the programming grid of radio stations.

If, in practical ways, it seems there is a consensus about the way sports reporting should be done and the role each one should have, the truth is that theoretically we find few definitions relating to sports reporting itself and the ones who do it.

During our study, we will try to define the boundaries and conceptualize the sports reporting work and we will try to understand if it should be considered as a journalist activity and, in that case, which type of journalism.

We will also try to characterize the sportscaster (also known as a sports commentator) functions, understand what can influence them, speaking about themes of particular interest like the favorite team or ethical problems.

The future of the radio sports reporting broadcast will also be addressed. We will try to understand if it will remain as it is today or it will have to change to survive. It will be taken into consideration the advent of the internet and the new platforms where it is possible to listen to radio.

To complement all the knowledge acquired during the internship, we have done some interviews and applied a questionnaire to sports journalists.

On our study we gave more relevance to the football reporting. In Portugal, the sports reported via radio are essentially football and roller hockey, although roller hockey is almost extinct. In that way, being a little bit abusive, the expression sport reporting, in our study, refers almost every time to a football match report.

KEYWORDS: sports reporting; sportscaster; commentator; journalism; football

Índice

Introdução.....	1
Metodologia.....	4
Observação Participante.....	4
Inquéritos e Entrevistas	7
Estágio.....	9
Relato Desportivo – definição.....	11
O relato desportivo como género jornalístico?	11
A classificação do relato desportivo	14
Caracterização do relator e das suas funções.....	16
A problemática da opinião.....	16
A fronteira entre o relator e o comentador.....	17
O relato como uma narrativa de autor, o entretenimento e o jornalismo	19
A problemática deontológica do relator.....	27
O relator e a preferência clubística.....	30
As pressões externas.....	32
O futuro do relato desportivo.....	34
Conclusão.....	39
Bibliografia	42
Anexos.....	44

Introdução

O relato desportivo está intimamente ligado à história da rádio. O espaço que o relato e o jornalismo desportivo ocuparam e ainda ocupam nas grelhas de programação das estações torna clara a sua importância: “As transmissões desportivas e a sua contribuição para o desenvolvimento do jornalismo radiofónico e da própria rádio seriam assunto para um trabalho específico, aliás de muita oportunidade em função da ausência de pesquisa neste campo (...)” (Roque apud Ortiwano, 2009: 19).

Os relatos e as dificuldades tecnológicas associadas à sua realização, ao longo das décadas dos últimos dois séculos, foram responsáveis pela evolução e melhoria das transmissões radiofónicas. Não só a necessidade, mas também os problemas técnicos (como o som da multidão ou as quebras de comunicação), levaram a que se procurasse garantir um som mais límpido e cuidado o que, por sua vez, levou a que se encontrassem novas formas de emitir os relatos. Carlos Fernando Schinner, um reconhecido relator brasileiro, deixa clara esta ideia: “(...) o sistema de telefonia também mudou, e as transmissões que aconteciam por meio das LPs (Linhas telefónicas por transmissão e retorno) agora podem ser feitas por satélite com áudio digital, de qualquer parte do mundo. Foi-se o tempo em que as transmissões heroicas eram inaudíveis e que em muitas vezes “inaconteciam”” (Schinner, 2004: 128).

Apesar da sua importância na história da rádio, e da sua presença assídua na programação das estações radiofónicas, o relato desportivo, e a forma como é feito, nunca foi alvo de grande reflexão teórica. É difícil encontrarmos no meio académico análises que categorizem o relato, que balizem a sua área de ação, ou que definam as tarefas dos intervenientes na transmissão.

Se na prática parece existir algum consenso sobre o papel que cada profissional desempenha na transmissão do relato desportivo, no campo teórico não conseguimos encontrar teorias que expliquem esse consenso, da mesma forma que não encontramos respostas que nos esclareçam sobre a definição, em termos de géneros narrativos, do que é o próprio ato de relatar.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objectivo dar início a uma discussão sobre os fundamentos e características dominantes do relato desportivo. Pretendemos caracterizar a sua prática, defini-lo como género, e perceber quem está habilitado para o realizar, com que regras e deontologia.

O nosso ponto de partida, para o estudo e debate do tema, foi questionarmo-nos sobre a essência do relato. No fundo, recorreremos à ontologia para perguntar: “O que é o relato desportivo?”.

Será um ato jornalístico? Se o é, em que género se enquadra? É reportagem? É crónica? Ou será que o relato pode ser visto somente como entretenimento?

Partindo deste grupo de questões, procuraremos também definir o papel de quem relata. O relator terá de ser, obrigatoriamente, um jornalista? Tem de respeitar um código deontológico? Deve emitir a sua opinião durante o jogo? Pode um relator comentar a partida?

A resposta a este conjunto de questões parece ser complexa e ao longo da última década os próprios jornalistas têm procurado refletir sobre a temática. Pedro Sousa, antigo relator da Rádio Renascença, iniciou a apresentação de um workshop ¹ acerca do relato desportivo com a pergunta: “Arte? Jornalismo ou entretenimento?”

Rita Roque, jornalista da Antena 1, também procurou aflorar a temática e na introdução da sua tese de mestrado, cujo tema é “Jornalismo Desportivo – Um campo de emoções”, questiona-se:

“É informação ou é entretenimento? Uns defendem que, apesar de se estar a narrar o futebol-espetáculo, pode simultaneamente obedecer-se a critérios informativos, inscritos na cartilha do jornalismo. Mas outros há que entendem que o relato pode significar noventa minutos de mistura entre fatos e opinião, que não há isenção – com os narradores a assumirem claramente (sobretudo numa partida em que uma equipa é portuguesa e outra estrangeira) de que lado estão” (Roque, 2009: 9).

No nosso estudo procuraremos igualmente abordar outros campos de análise. O jornalismo vive atualmente uma época onde a “notícia espetáculo” se torna cada vez mais importante e onde “o predomínio do critério externo”(Mesquita, 2004: 232) implica constrangimentos “sociais, económicos e políticos” (Mesquita, 2004: 229).

Com efeito, importa perceber de que forma é que o relator é influenciado por estes constrangimentos. Tende o relator a narrar de forma mais efusiva e emotiva para cativar o ouvinte? Cede a pressões externas que possam existir da Liga de Futebol ou Clubes?

¹ Workshop de Relato Desportivo - Pedro de Sousa e Ribeiro Cristóvão - GeniusyMeios - Grupo R/com (Renascença), Novembro 2010

Por fim, como não esquecemos que “o rádio parece viver um momento de muitas dificuldades e readaptações”(Schinner, 2004: 12), tentaremos perceber para onde caminha o relato desportivo e se a existência, nos moldes em que o conhecemos, estará assegurada para o futuro.

Apesar da dificuldade em encontrar referências bibliográficas sobre a rádio – “Em Portugal, o levantamento realizado pelo Centro de Formação de Jornalistas do Porto no final da década de 80 revelou a quase inexistência de bibliografia sobre rádio no país” (Roque apud Meditsch, 2009: 16) – tentaremos encontrar resposta às questões que nos levam a refletir sobre o relato desportivo, procurando, igualmente, iniciar um debate alargado, dentro do campo jornalístico, sobre a temática.

No fundo, o nosso propósito ao escrever este relatório será o mesmo que levou o jornalista brasileiro Carlos Fernando Schinner a escrever o livro “Manual dos Locutores Esportivos”:

“Este livro não tem a pretensão de ser uma obra definitiva sobre o assunto. É apenas um *kick off*, um pontapé inicial, como dizemos no futebol. Mas gostaria de estimular a crítica e reflexão de ouvintes, telespetadores e assinantes. E incentivar meus queridos companheiros de rádio e TV para que também escrevam e deem depoimentos sobre esse assunto (...)” (Schinner, 2004: 14).

Metodologia

Com o propósito de enriquecer o nosso estudo, decidimos que a Observação Participante – tornada possível com a realização de um estágio no departamento de desporto da Antena 1 – deveria ser complementada com a realização de um inquérito e de entrevistas a profissionais da área.

Pensámos que seriam as condições ideais para realizar um trabalho que abrangesse o campo teórico e o prático, indissociáveis num assunto tão específico e tão pouco estudado.

Decidimos aliar os métodos qualitativos aos quantitativos, procurando encontrar um ponto de equilíbrio entre a participação intensa (convivência) no ambiente dos sujeitos da pesquisa (Franciscato apud Durham, 2006) e o recurso a um “jornalismo científico”, através da aplicação de métodos de pesquisa das ciências sociais (Franciscato apud Meyer, 2006).

No fundo, recorreremos ao princípio metodológico de triangulação (Franciscato apud Christians, 2006), aplicado através da combinação de fontes de informação, com o objetivo de incrementarmos o grau de validação do nosso estudo (Franciscato, 2006).

No nosso trabalho não esquecemos, igualmente, a pesquisa bibliográfica. Como já referimos, pouco se escreveu sobre o tema em análise, mas o levantamento dos estudos e trabalhos científicos fornece dados atuais e relevantes (Roque, 2006) importantes para complementar o nosso trabalho.

Observação Participante

Relatar um acontecimento desportivo na rádio é para muitos, mas principalmente para os mais jovens, algo de fascinante e de emotivo. A velocidade que é necessária imprimir ao discurso, o recurso a um léxico muito próprio e a especificidade das descrições tornam o ato de relatar único e são muitos os que tentam, desde crianças, reproduzir os relatos que vão ouvindo nas emissões radiofónicas. Alguns por mera diversão, outros porque até gostariam de experimentar narrar.

Carlos Schinner, reconhecido e conceituado relator brasileiro, conhece bem esta realidade. No seu livro “Manual dos Locutores Esportivos” – que pretende ser uma “humilde contribuição para todos os que desejam ingressar na área, que admiram a profissão, ou que adoram narrar futebol-de-mesa (botão) e jogos de futebol virtual (videogames)” (2004: 13) – o autor reflete sobre o fascínio dos jovens pelo relato e sobre as suas tentativas de se tornarem relatores profissionais.

Permitam-me a ousadia de falar um pouco da minha experiência pessoal. Também eu faço parte da categoria: “Todo o garoto já foi narrador de futebol – bom, pelo menos, de futebol de botão” (Schinner, 2004). Desde cedo, as transmissões desportivas nas rádios foram alvo da minha admiração e foi talvez por isso que procurei, à medida que fui crescendo, integrar-me no meio.

Não sei ao certo se foi o fato de o desporto despertar paixões ou sensações (Roque, 2009: 9), ou se foram as “narrações vibrantes dos locutores, que souberam transformar em palavras um relato absolutamente visual” (Schinner, 2004: 13), a verdade é que o gosto pela narração, e pelo jornalismo desportivo, foi crescendo ao ponto de querer tornar-me profissional da área.

Ao longo dos últimos dois anos, tenho relatado, com frequência, acontecimentos desportivos, principalmente jogos de futebol, em rádios de expressão local como a Rádio Popular, a Rádio Voz do Sorraia ou a Rádio N. Acompanhei não só clubes de pequena dimensão, como por exemplo o Clube de Futebol Benfica (Fófó), mas também os chamados três grandes (Futebol Clube do Porto, Sporting Clube de Portugal, Sport Lisboa e Benfica).

Em simultâneo, prossegui os estudos na área das Ciências da Comunicação e o interesse pelo estudo dos media foi aumentando.

Assim, foi de forma natural que me pareceu pertinente analisar e estudar o relato desportivo. Não me parecia possível continuar a relatar sem estudar o relato e perceber o seu enquadramento teórico no campo da comunicação.

Com o intento de acrescentar alguma experiência à adquirida nas estações locais, decidi envidar todos os esforços para assegurar um estágio no departamento de desporto de uma rádio com expressão a nível nacional. A relação diária com profissionais com vastos conhecimentos e com anos de profissão seriam um auxílio fundamental para o nosso estudo.

Depois de algumas tentativas, surgiu a oportunidade de realizar um estágio na Antena 1², local privilegiado para a realização da Observação Participante.

Importa referir que entendemos que a observação deve ser considerada como um “método aplicado em diversas áreas do conhecimento científico, utilizada frequentemente nas ciências sociais” (Franciscato apud Trujillo Ferrari, 2006). “Diferencia-se da observação usual baseada no senso comum porque é conduzida por um problema formulado em uma pesquisa científica, o que exige, além de um quadro teórico, procedimentos para captação e registro dos dados” (Franciscato, 2006: 8).

² A Antena 1 é uma Rádio do serviço público da RTP (Rádio e Televisão de Portugal). É a antiga Emissora Nacional e também já foi conhecida como RDP, tendo sido integrada em 2007 na RTP.

Seguindo esta lógica, ao longo de três meses, entre 17 de setembro de 2012 e 21 de dezembro de 2012, procurei interagir com os membros da comunidade (Franciscato, 2006), com o objetivo de recolher o máximo de informação possível para este estudo.

Integrei-me na equipa de desporto da rádio pública e fiz grande parte dos trabalhos realizados pelos jornalistas que a compõem. Realizei entrevistas, escrevi textos, saí em reportagem e fiz trabalho de pesquisa.

Ao desempenhar estas tarefas, fomentei o contacto direto, frequente e prolongado com os atores sociais (Correia, 2009) do grupo estudado.

A interação social intensa entre investigador e sujeitos, no meio destes (Correia apud Bogdan e Taylor, 2009), é fundamental para eliminar deformações subjetivas e só assim é possível compreender os fatos em observação (Correia, 2009).

Ao longo dos três meses de estágio, não esqueci os conceitos referentes ao papel do observador.

Procurei reger a minha observação pelo modelo que Lapassade (2001) preconizou para classificar os três tipos de Observação Participante.

Analisado o modelo, decidimos que a nossa observação seria de participação ativa (Correia apud Lapassade, 2009). Esta posição permite ao investigador “participar em todas as atividades, mantendo uma certa distanciação” (Correia, 2009: 32).

Este tipo de observação pareceu-nos a mais adequada, já que os outros dois tipos de observação não serviriam os objetivos do nosso estudo.

A Observação Participante periférica nunca nos permitiria “uma participação intensa (convivência) no ambiente dos sujeitos da pesquisa” (Franciscato, 2006: 8), pois como o próprio nome indica, pressupõe somente uma relação periférica entre o grupo observado e o observador.

Quanto à Observação Participante total, cremos que a sua utilização seria desadequada, na medida em que, no nosso entender, está muito associada ao método etnográfico, caracterizado pela “imersão do pesquisador no ambiente de estudo” (Franciscato, 2006: 7).

Entendemos que durante a observação “embora se envolva no quotidiano de vida daqueles que estuda, o pesquisador deve sempre manter um certo distanciamento no seu relacionamento com aqueles que está estudando” (Franciscato, 2006: 8).

Assim, ao adotarmos a posição do observador com participação ativa, mantemos a interação com os membros da comunidade estudada sem nunca deixarmos de garantir a nossa independência (Franciscato, 2006).

Tentámos sempre, ao longo dos três meses de observação, manter um distanciamento em relação ao objeto de estudo (Franciscato, 2006), com o intento de garantir sempre a objetividade da nossa pesquisa.

No decorrer do estudo, é importante que o observador mantenha sempre a capacidade objetiva. O distanciamento torna-se fulcral para conseguir formar um olhar correto sobre o objeto estudado.

Durante o meu estágio, também aproveitei a presença “no ambiente dos sujeitos da pesquisa” (Franciscato, 2006: 8) para questionar “os membros da comunidade” (Franciscato apud Iorio, 2006) sobre temáticas fundamentais para encontrar as respostas para a realização do estudo.

Importa referir que algumas dessas conversas foram importantes para a construção do inquérito aplicado e para a estruturação das entrevistas que posteriormente foram realizadas.

Através de conversas informais, foi possível compreender quais seriam os temas com mais relevância para o nosso estudo e qual a forma de os abordar, tanto no inquérito, como nas entrevistas.

Inquéritos e Entrevistas

Depois de termos abordado a temática da Observação Participante e de termos especificado as tarefas que desempenhámos durante o estágio, foquemo-nos no tópico dos inquéritos e entrevistas.

Para enriquecer o nosso trabalho e encontrar um conjunto de respostas mais abrangentes, que complementassem as encontradas no estágio, decidimos que seria importante aplicar um inquérito e realizar entrevistas a alguns profissionais das editorias de desporto de Lisboa das rádios nacionais.

Foi, então, a necessidade de melhor conhecer as características da população alvo que impulsionou o nosso processo de recolha e análise de alguns dados quantitativos e qualitativos (Vicente, Reis, Ferrão, 2001).

Tanto o inquérito como as entrevistas tiveram como principal objectivo ajudar-nos a encontrar respostas para os nossos três grandes temas de pesquisa, que nortearam, aliás, a

organização do nosso trabalho: definição do relato desportivo, a caracterização do relator e das suas funções e o futuro do relato.

Para os inquéritos recorreremos ao uso da técnica amostral não aleatória, sendo a escolha dos indivíduos feita através de um procedimento intencional. Assim, a nossa amostra foi constituída pelos membros das editorias de Lisboa das rádios nacionais.

Quanto às entrevistas, recorreremos ao modelo semi-directivo, também chamado estruturado, com o intento de verificarmos e aprofundarmos os resultados obtidos com os inquéritos. Criámos, assim, um esquema (grelha de temas) que proporcionasse ao entrevistado a hipótese de falar sobre as variadas temáticas de forma livre. Em alguns casos e quando os entrevistados não abordavam os temas espontaneamente, sugerimos-lhes nós o caminho a seguir (Ghiglione, Matalon, 2005).

Em anexo (Anexo 1), apresentamos não só os recursos da pesquisa mas também toda a argumentação que a suportou.

Estágio

O meu estágio na Antena 1 decorreu entre 17 de setembro e 21 de dezembro. A orientação do mesmo ficou a cargo da subdiretora de Informação da rádio, a Dra. Rosário Lira.

Logo aquando da minha chegada, fui recebido precisamente pela subdiretora que desde então mostrou interesse em perceber qual seria o objetivo da minha passagem pela rádio pública. Embora a grande maioria dos estágios exija uma rotatividade pelos vários turnos e várias editorias, combinei com a Dra. Rosário Lira que durante os três meses passaria somente pela equipa de Desporto da Antena 1, pois, tendo em conta que o meu intento era estudar e aprofundar um pouco os conhecimentos sobre o relato desportivo, só assim faria sentido.

Após este esclarecimento prévio, fui depois conduzido, igualmente pela subdiretora, até à editoria do Desporto. Fiquei a reportar diretamente ao coordenador da equipa, o jornalista Alexandre Afonso.

Durante a primeira semana de estágio, fui compreendendo o mecanismo de funcionamento da editoria e entendendo a importância das edições desportivas (sínteses às 7:30, 8:30, 9:30, 16:30, 17:30, 19:30; jornais às 12:30, 18:30, 22:30) na preparação de todo o trabalho para o relato. Para uma boa narração, é fundamental estar informado sobre tudo o que acontece durante a semana, ter conhecimento das opiniões dos treinadores e jogadores e estar alerta para impedimentos ou lesões. Ao mesmo tempo, fui igualmente aprendendo a trabalhar com o programa usado para a edição de som e com o material necessário para a gravação.

Depois desta primeira fase, na segunda semana, comecei a realizar as minhas primeiras entrevistas para as edições de desporto, para as quais escrevia o respetivo pivô para o editor ler, e a sair em reportagem, acompanhando os jornalistas de apoio à edição dos noticiários desportivos. Na grande maioria das vezes, saí com os jornalistas Mário Rui, José Carlos Lopes e Eduardo Gonçalves. Apreendi igualmente as técnicas a utilizar e a manusear o material nas saídas em reportagem, com o auxílio destes profissionais.

Ao fim da terceira semana, comecei a sair sozinho em reportagem. Depois de ter apreendido as regras básicas e de ter aprendido a trabalhar com o material de gravação no terreno, passei então a acompanhar conferências de imprensa, a reportar treinos das equipas e a cobrir acontecimentos como apresentações de eventos desportivos ou galas.

Até ao final do estágio, continuei igualmente a entrevistar antigos jogadores, treinadores, atletas, entre outros, editando depois essas entrevistas, retirando alguns excertos das mesmas para serem emitidos nos noticiários desportivos.

Ao longo dos três meses, não perdi de vista o objetivo do meu estágio: o relato desportivo. Por isso mesmo, fui ouvindo uma série de relatos que existem na funcionalidade Activelog (permite escutar a emissão dos dias anteriores), conversando informalmente com os relatores da rádio e acompanhando várias transmissões desportivas no estúdio, ao lado do pivô, com o intento de compreender a forma como funciona a articulação com o estádio e até mesmo a interação dos vários intervenientes com o exterior.

Os três meses de estágio foram importantíssimos para a redação do nosso trabalho. Observar a forma como trabalha uma editoria de desporto de uma rádio e como prepara, durante toda a semana, a emissão do relato do fim de semana, foi algo fundamental, já que nos permitiu compreender como funciona na prática a área de desporto de uma rádio nacional.

Relato Desportivo – definição

O relato desportivo como género jornalístico?

Depois de termos explicado com minúcia a metodologia que escolhemos para a feitura do nosso trabalho, focuemo-nos então na interpretação dos dados e respostas obtidas, com o objectivo de lançarmos as bases que nos possibilitem chegar a algumas conclusões.

Decidimos seguir, com alguns ajustes, a ordem do inquérito (Anexo 2) a que responderam os jornalistas desportivos das redacções de Lisboa das rádios nacionais. Ao longo do trabalho, analisaremos as respostas dadas nos questionários (Anexo 3) e não deixaremos obviamente de recorrer a passagens das entrevistas realizadas e a alguma bibliografia essencial para garantir sustentabilidade académica ao estudo. Apresentamos em anexo a grelha da entrevista (Anexo 4) e as entrevistas que fomos autorizados a transcrever integralmente (Anexo 5).

Um dos grandes objetivos a que nos propusemos foi o de classificar o relato desportivo. Assim sendo, procurámos compreender se ele é, desde logo, um ato jornalístico, puro entretenimento ou uma fusão entre o jornalismo e o entretenimento.

Verificámos, como é possível observar nos gráficos em anexo, que a grande maioria dos inquiridos, quase 75%, define que o relato é e deve ser reportagem ou reportagem com entretenimento.

A ideia de que o relato deve ser entendido como uma reportagem, ainda que com ou sem entretenimento, levou-nos a procurar perceber o que é então a reportagem.

Nesta tarefa guiámo-nos pelos escritos de Jacinto Godinho, jornalista da RTP, que procurou definir o que é a reportagem no livro “As origens da Reportagem – Imprensa”.

“Seguindo para trás o percurso etimológico da palavra” (Godinho, 2009: 11), o autor foi remetido para a expressão grega *legein*.

“No grego antigo, tal como o demonstrou Heidegger, o que pede por um “recolhimento ao acontecer sem intermediários” é uma vontade referida pela expressão *legien*”. (Godinho, 2009: 12).

“O *legien* refere um pedido, uma vontade ou um desejo que se inicia sempre que alguém conta uma história a outro” (Godinho, 2009: 12).

Entendemos que como “legein” o relato é reportagem no sentido de que toda a arte de narrar procura colocar o ouvinte no local onde está a decorrer a narração. O relato é assim uma espécie de estádio efémero construído só de palavras onde o narrador consegue pôr o ouvinte a “ver” o que está a acontecer.

A reportagem pode assim ser entendida como a arte de conseguir fazer ver, a quem não está no local, o que se está a passar, neste caso o jogo de futebol. Não perder nem confundir o espectador é o essencial da arte de relatar.

Continuando a seguir a argumentação de Jacinto Godinho, somos remetidos para uma “pesquisa pelas modernas palavras do vocabulário grego que traduzem o reportar.” (Godinho, 2009: 24). O acto pode então significar anunciar (*angellô*) ou, de acordo com o atual significado de *legein*, relato.

Assim, concluimos facilmente que o “reportar anuncia e relata o que se passou”. (Godinho, 2009: 24)

No fundo, é isto que faz um relator num relato desportivo, reporta o que vai vendo no campo, o que nos leva a concordar que o relato pode ser entendido como reportagem.

Não perdendo de vista um dos objectivos a que nos propusemos, compreender se o relato desportivo é ou não um ato jornalístico, importa olharmos para a definição da palavra reportagem inscrita no DITL (*Dictionnaire International des Termes Littéraires*), tal como fez Jacinto Godinho.

A pesquisa remete-nos para a palavra *reportage*, que seria "uma junção da palavra inglesa *report* ao sufixo *age* derivada do francês *cancannage*" (um neologismo depreciativo utilizado na língua inglesa para "nomear e ironizar sobre o que os anglo-saxónicos tomavam como uma prática negativa da cultura francesa") (Godinho, 2009: 22). *Reportage* era assim "uma expressão usada para denunciar uma atividade de relatar algo com muito exagero e muita imaginação" (Godinho, 2009: 22)

"Curiosamente foi na guerra da Secessão (1861 - 1865) norte americana que a palavra *reportage* adquiriu um significado sério, tornando-se uma função e um género de escrita bem identificado no jornalismo" (Godinho, 2009: 22). É igualmente nesta altura que surgem os repórteres, "que competiam entre si no relato o mais vivo, pormenorizado e descritivo possível do que se passava na linha da frente" (Godinho, 2009: 23) da guerra.

Sendo esta uma guerra civil, "que dividia profundamente as opiniões dos leitores, obrigou também os repórteres de guerra a um cuidado extremo em relação às opiniões próprias evitando que o relato mostrasse favorecer algum dos lados" (Godinho, 2009: 23). Neste sentido, e não existindo uma história conceptual da palavra, *reportage* servia "os efeitos da neutralidade e imparcialidade pretendidos" (Godinho, 2009: 23).

Se o relato desportivo seguir esta definição de reportagem e se o relator, seguindo o que é imposto pelo código deontológico do jornalismo, "relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade", podemos então considerá-lo como um ato jornalístico.

Este entendimento de reportagem como género jornalístico vai de encontro à ideia de Gonçalo Ventura, jornalista da Antena 1, que define o relato desportivo como "uma descrição exaustiva, minuciosa, pormenorizada e rápida de um acontecimento".

Também Mário Fernando, editor de desporto da TSF, refere que o relato deve ser entendido como um ato jornalístico "pois estamos a lidar com algo de muito concreto". "Aquilo que é contado no relato, é o que está a acontecer e, portanto, deste ponto de vista, o relato é uma reportagem jornalística como qualquer outra".

Alexandre Afonso, relator da Antena 1, comunga desta ideia: "o relato deve ser uma pura descrição do que estamos a ver. Estamos a narrar, a reportar, uma coisa que está a acontecer".

Dentro desta lógica, e voltando a seguir a linha de pensamento de Jacinto Godinho, entendemos que o reportar, do ponto de vista jornalístico, deve ter em conta "a liberdade de quem recebe a reportagem e o querer manter em condições, o mais próximo possível do seu acontecer, o fenómeno que é reportado sendo, para tal, preciso esvaziar ao máximo as intencionalidades do portador, para que a sua preocupação seja apenas com a forma como o portado chega a quem se destina e não com aquilo que é portado" (Godinho, 2009: 22).

No entanto, a verdade é que o reportar continua sempre a depender de um portador. Assim sendo, o *legein*, "o que se expõe sem intermediários", não é completamente realizável.

Compreendamos melhor esta ideia recorrendo aos escritos de Jacinto Godinho: "enquanto *legein*, o reportar seria então *re-legein*, "recolher ao expor da coisa como se não houvesse intermediários". Não será então um contra-senso que a acepção moderna da palavra nos indique precisamente aquilo que a *arkhê* (designa aquilo de onde algo surge) parece querer anular, ou seja, o intermediário - o repórter?" (Godinho, 2009: 24).

A verdade é que existe sempre alguém que nos reporta para o acontecimento e, no caso do relato desportivo, quem tem essa tarefa é o relator.

Por isso mesmo e recordando as palavras de Gonçalo Ventura, embora o relato deva ser "uma descrição exaustiva, minuciosa e pormenorizada", a verdade é que cada relator, cada portador da mensagem, tem o seu estilo de contar o acontecimento.

Talvez por acreditarem que cada relator tem o seu estilo de relatar e que pode recorrer àquilo que eles consideram como entretenimento, 37% dos jornalistas que responderam ao nosso inquérito tenham optado por definir o relato como reportagem com entretenimento. Como diz Nuno Matos, alguns relatores podem dar ao relato "um papel criativo, um papel cativante junto das pessoas".

Deixemos a análise a esta questão do entretenimento e a sua compatibilidade com o jornalismo para uma fase mais avançada do nosso trabalho e foquemo-nos, para já, na reportagem e na transmissão desportiva que engloba o relato desportivo, com o objectivo de percebermos se este é somente praticado pelo relator ou também pelo repórter e comentador.

A classificação do relato desportivo

Na grande maioria das transmissões desportivas com relato, existem geralmente quatro intervenientes: o relator ou narrador, o comentador, o repórter e o coordenador ou pivô.

Explicitemos, de forma sucinta, o papel de cada um. Ao narrador cabe a tarefa de relatar e "dar a informação às pessoas de onde a bola está", como explica Alexandre Afonso. O repórter tem como função ir ao pormenor. Como o narrador é obrigado a falar a uma velocidade elevada, acaba, por vezes, por não conseguir dar todos os detalhes da jogada. Assim, cabe ao repórter a tarefa de explicitar o que o narrador não conseguiu, trazendo para o relato pormenores que enriqueçam a descrição. O comentador, por sua vez, analisa as questões técnico-táticas do jogo, com uma "opinião mais detalhada e mais pormenorizada", de acordo com Gonçalo Ventura. O coordenador apresenta a emissão desportiva e pode igualmente intervir para dar a sua opinião em lances duvidosos, já que tem a possibilidade de ver o jogo pela televisão.

Para grande parte dos inquiridos (85%), do relato desportivo fazem parte todos os intervenientes na transmissão desportiva.

Tal como nos diz Gonçalo Ventura, "o relato desportivo não se baseia só na pessoa que faz o relato mas também em toda a equipa que envolve o mesmo". Alexandre Afonso concorda com esta afirmação e exemplifica: "Todos fazem parte do relato desportivo. Por exemplo, a chegada de

uma volta a Portugal em bicicleta tem um narrador a acompanhar os 50 metros finais e depois pode ter um repórter para ouvir o camisola amarela ou o vencedor da etapa. Está a fazer a reportagem e o relato de um acontecimento".

José Nunes, comentador da Rádio Pública, defende igualmente que todos os que fazem parte da emissão são "uma equipa com complementaridade, quando têm ritmo, quando estão bem, quando sabem o que estão a dizer".

Para Gonçalo Ventura, todos os intervenientes "participam ativamente e influem no ritmo, na qualidade e na forma como se faz o relato".

Na verdade, o repórter, ao ir ao pormenor de um lance, está igualmente a descrever e, por isso, a participar no relato, na reportagem do acontecimento. Bem como o pivô em estúdio, quando é solicitado para dissipar dúvidas em relação ao lance e também o comentador, ao explicar o que se está a passar no jogo, está a participar ativamente no relato.

No entanto, e apesar de todos estes intervenientes participarem naquilo a que podemos chamar o programa ou transmissão do relato, devemos ter ciente que continua a caber ao narrador a função primordial de construir a narrativa. O relato far-se-ia somente pelo relator, mas nunca só com o repórter ou comentador. Podemos, assim, entender o repórter e o comentador como um complemento ao relato, sendo o narrador o responsável pela descrição do jogo. No limite, o relato do jogo pode ser feito por um só profissional, no caso o relator.

Ainda assim, o narrador acaba por muitas vezes não se limitar a descrever o que vai vendo no campo, emitindo a sua opinião sobre lances ou momentos do jogo.

Importa, por isso, questionar qual a fronteira entre os intervenientes, mas principalmente, entre o comentador e o narrador, até porque, como esclarece José Nunes, "não existem departamentos completamente estanques".

Analisemos então esta temática no próximo tópico do nosso trabalho.

Caracterização do relator e das suas funções

A problemática da opinião

O relator tem como função descrever com o máximo de rigor e detalhe as acções que decorrem no campo desportivo, o que normalmente é feito a ritmo elevado e com o máximo de informação possível. Não tendo a rádio imagem, o relator tem de ser, de acordo com Gonçalo Ventura, “os olhos de quem não está a ver”. O ato de descrição passa sempre pelo narrador, cabendo-lhe igualmente o exercício de lançar a participação do repórter, para que este vá ao pormenor do lance narrado, e do comentador, para que este analise determinada jogada ou a evolução do jogo. É também o narrador que faz a articulação entre o estúdio e a equipa presente no estádio, recebendo a emissão quando esta vai do estúdio para o estádio ou enviando a emissão quando esta tem o percurso inverso. Fica igualmente a seu cargo a abertura e o fecho das intervenções feitas do recinto desportivo.

No entender de Gonçalo Ventura, durante o relato desportivo, "o relator está sempre a dar opinião, sempre". O repórter da Antena1 exemplifica: "Passe para a direita, muito bem feito o passe." “Quando o relator diz isto, já está a emitir opinião, já está a qualificar o passe. Portanto, está a dar opinião".

Esta ideia vai ao encontro das respostas obtidas nos nossos inquéritos: 95% dos inquiridos admitiram que o relator emite opinião durante o relato, mesmo que seja raramente e, na opinião dos jornalistas questionados, é assim que deve ser. Quase 90% da nossa amostra defende que o relator deve emitir a sua opinião.

Embora defenda que o narrador opine, Gonçalo Ventura afirma que a opinião do relator se deve reduzir à adjetivação de alguma coisa. Porque, como explica, "se o passe é bem feito, então, o relator, tem que dizer que o passe é bem feito".

Alexandre Afonso, relator da Antena1, entende que o narrador não deve dar opinião mas assume que "é muito difícil, numa hora e meia, uma pessoa que está a fazer a narração das jogadas, não dar opinião". O jornalista concretiza: "deveria dizer "atirou a bola para fora" mas no momento o relator diz "apanhou mal a bola". Já está a dar opinião".

Ainda que admita que o relator, na descrição das jogadas, possa opinar sobre a beleza de um golo, sobre a qualidade do espetáculo ou sobre a qualidade do futebol que uma equipa apresenta, Gonçalo Ventura defende que "na questão técnica, o relator não deve condicionar o comentador".

A fronteira entre o relator e o comentador

Torna-se difícil perceber até onde é que o relator pode ir sem entrar no campo do comentador. Neste caso, as opiniões são diversas e um pouco distintas.

Convém, antes de mais, especificar o papel do comentador. A sua função é analisar, avaliar e julgar o que se vai passando no jogo. Normalmente, o comentador pontua a partida, intervindo para explicar o porquê do jogo se estar a desenrolar de determinada forma. Se o relator descreve de forma rigorosa vários ataques de uma equipa, cabe ao comentador elucidar os ouvintes das razões que levam a que tal esteja a acontecer. Numa análise simplista, se o relator é “os olhos” de quem escuta, o comentador é “a cabeça”. Quem ouve não se limita a querer uma descrição do jogo, quer também uma avaliação e um julgamento do que se está a passar.

Mário Fernando, editor de desporto da TSF, acredita que "há uma margem para o relator dizer aquilo que pensa do jogo sem necessariamente entrar na área habitual do comentador". O jornalista não vê "problema em que o relator faça uma espécie de enquadramento quando lança o comentador, o que não é exatamente uma interpretação do narrador".

A verdade é que muitas das vezes o papel do narrador se confunde com o do comentador. Quase três quartos dos inquiridos acreditam que as duas tarefas se confundem. No entanto, quase 65% admitem que tal não devia acontecer. Ou seja, existe uma diferença entre o campo prático e o teórico.

Torna-se então difícil analisar este ponto do nosso trabalho. Até a própria opinião dos relatores diverge. Muitos defendem que o relator nunca deve estar em desacordo com o comentador, mas Nuno Matos, por exemplo, sustenta que "não têm que ter todos a mesma opinião". Apesar do jornalista afirmar que "o narrador deve narrar e o comentador comentar", defende igualmente que o narrador deve "emitir opinião" porque "não é propriamente um papagaio".

Apesar de terem dificuldade em definir a fronteira entre estes dois intervenientes, há um ponto em que todos os entrevistados estão de acordo: o relator não pode, nunca, condicionar a opinião do comentador.

Para Gonçalo Ventura, se um relator, ao introduzir o comentador disser: "o Sporting está a jogar muito bem e Rinaudo está a ser o melhor em campo", o relator já está a condicionar o comentador, está a dar opinião e a condicionar a do comentador".

Alexandre Afonso defende que se introduzirmos o comentador dizendo "com vinte minutos, o Sporting está a dominar, está a atacar mais e está claramente a merecer ganhar", já estamos "a entrar no campo do comentador". Por isso mesmo, o relator defende que devemos fazer da seguinte forma: "vinte minutos, o Sporting vence por 1-0, golo de Cedric aos catorze minutos". Se o relator não fizer desta forma, já está "a condicionar o comentador". Até porque o comentador, de acordo com o jornalista da Antena1, "pode achar que o Sporting marcou com sorte e que a outra equipa está a jogar melhor e a dominar". "O conceito de domínio do narrador pode ser diferente da do relator".

José Nunes parece comungar desta ideia: "o relator pode emitir opinião desde que não tente condicionar o comentador e que não o faça sistematicamente". Apesar de compreender "a questão da fronteira", o jornalista da Rádio Pública, "entende que cada um não faz o que quer senão não havia comentador".

Com efeito, a grande dificuldade parece ser definir o limbo entre a tarefa de narrar e de comentar, até porque, o relator pode ter uma ideia distinta da do comentador.

O jornalista José Nunes acredita que é possível que comentador e relator não estejam de acordo "em relação a um determinado ponto", ainda que admita que essa "é uma situação que entra um bocadinho numa zona conflituosa". Por isso mesmo, José Nunes, defende que a fronteira deve ser gerida através do "bom senso, profissionalismo, experiência e maturidade".

Mário Fernando recorre igualmente à "regra do bom senso" para definir a fronteira entre os dois intervenientes na transmissão desportiva.

A verdade é que em alguns jogos, como por exemplo, na Tarde Desportiva da Antena1, o jogo é acompanhado somente por um jornalista. O que nos leva a perguntar qual a função que este deve ter durante a partida.

Alexandre Afonso, defende que "não é exequível todos os jogos terem um relator e um comentador" e que, nesse caso, "o relator acaba por fazer as duas funções". Apesar de admitir que "num jogo grande terá forçosamente que haver um relator e um comentador", afirma também que todos os jogos, mesmo os de "menor dimensão", deveriam ter sempre um comentador. No entanto, "nem sempre há essa possibilidade."

Nos casos em que vai só um jornalista para o campo, Gonçalo Ventura admite que este faz o papel de comentador e repórter. Defende ainda que o interveniente tem que ser "factual e que pode dar a sua opinião desde que se demarque, admitindo que está a opinar".

Talvez o que deva ser feito, nestes casos, seja seguir esta ideia de Gonçalo Ventura, plasmada no código deontológico dos jornalistas: "A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público".

Importa, antes de terminamos este tópico do trabalho, esclarecer que não existe um conjunto de regras que definam quem está habilitado para comentar. Os comentadores são normalmente treinadores, antigos jogadores de futebol, jornalistas desportivos, antigos relatores ou repórteres que com o passar dos anos passam a comentar.

Cabendo-lhes a função de explicar as questões técnico-táticas da partida, seria perceptível que os mesmos tivessem formação futebolística, embora isso nem sempre aconteça. Não nos podemos igualmente esquecer que, para além da formação a nível futebolístico, é fundamental ter boa capacidade discursiva e dominar práticas da transmissão desportiva, o que, curiosamente, nem sempre acontece com os mais formados. Talvez seja esta a razão pela qual alguns comentadores sejam jornalistas. Apesar de não terem formação futebolística, dominam o discurso oral e estão familiarizados com as transmissões.

Ainda assim, entendemos que deveria existir um livro de estilo do comentador, que explicasse quem está apto para comentar, definindo critérios de imparcialidade e objectividade, o que garantiria ao ouvinte a possibilidade de estar previamente informado sobre a função.

A verdade é que a definição do estatuto do comentador parece ser tão ou mais complexa do que a do relator.

O relato como uma narrativa de autor, o entretenimento e o jornalismo

Após termos analisado com detalhe a delimitação entre a função de narrador e comentador, procuremos agora compreender se o relato pode ser entendido como uma narrativa de autor.

Neste tópico do trabalho, fugiremos um pouco à ordem cronológica do inquérito, já que para a nossa investigação será importante abordar a temática da narrativa de autor, ao mesmo tempo que definimos se o relato deve ser descritivo ou factual, recorrer a figuras de estilo e formas de entretenimento, ou uma fusão entre as duas coisas. Retomaremos ainda a temática do relato enquanto género jornalístico e traremos para a discussão a problemática da emoção.

Para quase 70% dos inquiridos, o relato é descritivo e factual e recorre a figuras de estilo e formas de entretenimento. Somente pouco mais de 20% da amostra é que considera que o relato é puramente descritivo e factual.

Curiosamente, quando questionámos os inquiridos sobre o que o relato deve ser, compreendemos que as respostas já não são tão consensuais como na pergunta anterior. Ou seja, para quase 35% o relato deveria ser puramente descritivo e factual.

Existe, portanto, para os inquiridos, uma pequena diferença entre o que o relato deveria ser e aquilo que o relato realmente é, pelo menos no que respeita ao uso de recursos estilísticos e formas de entretenimento.

Com o objectivo de chegar a algumas conclusões, guiamo-nos pela maioria da amostra: 68% dos inquiridos defende que o relato é descritivo ou factual e recorre a figuras de estilo e formas de entretenimento e 58% acreditam que devia ser assim.

Tentemos, então, perceber de que forma é que os jornalistas olham para este recurso a figuras de estilo e formas de entretenimento e compreender se esse uso gera incompatibilidades com a visão que defende o relato como género jornalístico.

Nuno Matos parece definir uma clara diferença entre o campo teórico e o prático, no que diz respeito ao relato. O narrador sustenta que se “trabalhasse para a teoria, se fizesse um relato factual, rigoroso, sem nenhum adjectivo” as pessoas “desligavam todas o rádio”.

O jornalista da Antena1 respeita quem defende que o “relato deve ser muito rigoroso, descritivo e factual” mas não deixa de sustentar que nenhum ouvinte escuta “um relato de 90 minutos” feito dessa forma.

Alexandre Afonso admite que o uso de recursos estilísticos, como por exemplo a hipérbole, pode desvirtuar a narração. Na opinião do jornalista isso já “são muletas que o próprio relator pode ter” mas, “ não existindo imagem televisiva”, há que “encontrar expressões para que as pessoas consigam imaginar”. Eis o exemplo nas palavras do relator: “Eu digo: “saltou, cabeceou e a bola foi para fora”. Se eu lhe der mais uma imagenzinha e disser que “o jogador A colocou os pés quase à cabeça do jogador B”, a pessoa que está a ouvir pensa que ele foi mesmo lá acima”.

De acordo com o relator da rádio pública, “às vezes é mais um reforço para valorizar, para que a pessoa consiga visualizar o que, de facto, não está a ver.”

Gonçalo Ventura também não se opõe ao uso dos recursos estilísticos e acredita que a sua utilização não viola as normas do jornalismo. Se a narração for feita baseada em factos e “quase o espelhar daquilo que estás a ver, não tem problema nenhum, podes usar a hipérbole”.

Para o jornalista da Antena1, não estamos a violar o código deontológico ao dizermos “atirou a bola quase para o Campo Grande”: “É uma hipérbole, estás a dizer que o remate foi tão mau que quase saiu do estádio, não tem mal nenhum”.

Diferente parece ser o entendimento dos relatores em relação à questão do entretenimento e à sua compatibilidade com o jornalismo.

Alexandre Afonso defende que a sua narração "não tem entretenimento", ainda assim, o jornalista admite "que há colegas que o fazem". "Se estamos a dizer que a bola está no meio campo, não está no outro. E não acho que isso seja entretenimento. Mas também admito a questão, porque estamos num país um bocadinho futebolizado, onde as pessoas levam o futebol à paixão, à paixão exacerbada, à loucura quase e depois cada um tem o seu estilo".

Nuno Matos defende que o relato também pode ser lido como entretenimento. O narrador explicita: "o telejornal tem algumas peças de entretenimento, ou não? Algumas informativas, mas também tem de entretenimento. Quando há peças de um espetáculo musical, do Cirque du Soleil, que agora vem cá, tem o papel informativo mas também de entretenimento. Estás a entreter as pessoas, estás a fazer-lhes companhia".

Gonçalo Ventura parece ter uma ideia um pouco distinta. O jornalista acha que "o relato pode entreter mas nunca pode ser entretenimento". Eis a explicação: "o relato pode entreter pela qualidade que tem. A hipérbole utiliza-se, sim, a metáfora, isso tudo bem, estamos a estilizar a coisa. Mas o relato não é entretenimento, não é cantiga, não é gritaria, não são as muletas que se arranjam. Isso é para o departamento de programas da Antena1 ou da RTP. Para nós é: relatar, descrever e o comentador opina".

Mário Fernando prefere dividir o relato em conteúdo e forma. "Uma coisa é o conteúdo, outra é a forma. Do ponto de vista do conteúdo, é um ato jornalístico, não tenho dúvidas. Agora, saltando do conteúdo para a forma é que há a componente que não chamaria de entretenimento mas sim de espetáculo". O editor da TSF diz que "essa componente do espetáculo é algo que não o choca absolutamente nada".

Ponto de discórdia entre os entrevistados é a questão das canções durante o relato. Se há quem defenda que, apesar de ser entretenimento, as canções podem fazer parte do relato, outros há que são contra a utilização deste recurso.

João Ricardo Pateiro, o relator que ficou célebre por cantar a seguir aos golos, assume "que é por causa disso que o seu relato se tornou um sucesso". O narrador afirma: "cantar é entretenimento, mas no momento dos golos, o que as pessoas querem é entretenimento". Porém, o

jornalista da TSF, sustenta que o resto do seu relato "é credível" e "fiel ao que está a acontecer". "Eu tenho o meu estilo de relato", diz João Ricardo Pateiro.

Mário Fernando parece concordar com o colega defendendo que, na narração do relator, "as coisas estão claramente identificadas". "Uma coisa é o relato, um modelo vincadamente jornalístico, sem desvio nenhum, ao que ele acrescenta depois uma componente espetáculo nos golos, com a criação das cantigas". "Os critérios jornalísticos são utilizados no relato puro e duro e depois, à margem, como adereço, já vem a componente espetáculo", explica o editor da TSF.

Opinião distinta parece ter Gonçalo Ventura. O jornalista considera que cantar durante o relato é "info-entertainment" e que "a narração não está separada da cantiga". Atentemos na explicação:

"Acho que aquilo é espetáculo. Mas é espetáculo que passa para além do espetáculo da narração. O que é que faz um cantor? Que papel é que tem? É um artista. Um jornalista não é um artista. Antigamente consideravam-nos artistas. A categoria era: jornalistas, repórteres e artistas, quando se passava um recibo verde. Mas não, nós não somos artistas. Nós estamos ali para descrever, para contar, para mostrar, somos os olhos das pessoas, somos os olhos de quem não está a ver. Onde é que a canção entra nisso? Não sei, não tenho resposta para isso. Mas não concordo, acho que é um abuso. (...) É puro sensacionalismo".

Importa nesta parte do nosso trabalho trazeremos para a discussão a problemática da emoção na narração desportiva.

Carlos Fernando Schinner coloca a emoção como um dos cinco combustíveis do narrador, no seu livro "Manual dos Locutores Esportivos" (2004). Para o narrador brasileiro "emoção é sem dúvida a palavra mais usada nas transmissões esportivas". "É também o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como o gatilho de todos os sentimentos. Faz o coração bater mais forte, o suor jorrar pelos poros, o frio tomar conta da barriga, o sangue ferver nas veias". (Schinner, 2004:80)

Gonçalo Ventura parece concordar: "As pessoas vivem o futebol com arte e emoção, e o futebol é só isso, é emoção".

Também Mário Fernando defende que "o futebol é emoção, mais do que outras modalidades e o transmitir dessa emoção, para quem está a ouvir" é algo que "não o choca".

Esta ideia vai ao encontro do resultado do nosso inquérito. Todos os inquiridos acreditam que um relato emotivo é jornalismo e não ficção.

A ideia de que ao relatar de forma emocionada o narrador está a ficcionar o relato parece então completamente colocada de parte.

Atentemos nas palavras de Mário Fernando: "Gritar um golo não é nada do outro mundo, acho até natural. Qual é o objectivo do jogo de futebol? É marcar golos. Os golos é que decidem os jogos. Aquele é um momento de vibração máxima para quem está a assistir ao jogo no estádio, é normal que isso seja transmitido para quem está a ver".

Ainda assim, o editor da TSF alerta: "uma coisa é não abdicar da componente espectáculo para transmitir as emoções que derivam do próprio jogo, outra coisa, muito diferente, é fabricar emoções que não estão lá". O jornalista conclui: "Nós não devemos ficcionar uma determinada realidade, senão estamos a trair o ato jornalístico".

João Ricardo Pateiro vai mais longe: "não reconheço trabalho jornalístico com tanta carga emocional". O jornalista da TSF compara o relato à azáfama de uma noite eleitoral e ao incêndio do Chiado, para defender a emoção durante a narração desportiva. "Se formos olhar para esses dois casos vemos que a descrição do que está a acontecer é feita de forma acalorada". A diferença é que "no futebol há eleições todos os fins-de-semana".

Nuno Matos defende igualmente que a emoção faz parte do relato desportivo: "Eu quando estou a relatar não vou buscar ficção nenhuma. Não é por me envolver ou por dizer Mimimimimi.....Coli ou Tááááááá.....Cuara que deixo de ser rigoroso".

Urge, neste ponto de discussão, trazermos para o debate a questão do sensacionalismo. Para grande parte dos inquiridos, cerca de 95%, os relatores recorrem frequentemente (63%) ou raramente (31,3%) ao sensacionalismo. Ainda assim, mais de 40% da amostra defende que tal nunca deveria acontecer.

Nuno Matos admite que se recorre "um bocado ao sensacionalismo nos relatos" mas volta a afirmar que se não fosse assim ninguém escutaria. "Nós trabalhamos para as pessoas e são elas que reconhecem o nosso trabalho e são elas que nos dão valor e nós andamos aqui por elas", diz o narrador.

João Ricardo Pateiro reconhece que "não há trabalho jornalístico em que se fale àquela velocidade" e, por isso, admite que, no calor dos jogos, se recorra ao sensacionalismo.

Com ou sem sensacionalismo, com mais ou menos emoção, recorrendo a expressões que podem ser consideradas ou não entretenimento, com mais ou menos recursos estilísticos, a verdade é que cada relator tem um estilo próprio. O relato varia de narrador para narrador e da forma de como este entende que a descrição deve ser feita.

Embora tenha ficado claro que o relato é um ato jornalístico, pois estamos a falar de um acontecimento real e não ficcionado, a forma como ele é apresentado ao ouvinte pode variar.

É útil, nesta fase do nosso trabalho, recordarmos a argumentação de Jacinto Godinho para compreendermos que o relator não é mais do que o sujeito-mediador central na função do *legein* (o que pede por um “recolhimento ao acontecer sem intermediários”). Ou seja, o narrador é o intermediário que leva o ouvinte ao acontecimento. Percebamos melhor esta ideia:

"A reportagem procura decidir-se apenas na veracidade do que é relatado, ou seja, na forma como consegue ativar o regresso ao acontecimento e proporcionar que a ele se assista sem intermediários como se fosse possível ter estado lá (*legein*). Mas dificilmente se escapa à inscrição no relato do interesse pessoal de quem reporta (repórter) e dos interesses de quem é reportado (espectador). "É nestes polos que se joga a dificuldade de realização do *legein*." (Godinho, 2009: 26)

No fundo, o que parece estar em causa são formas diferentes de cada relator levar o ouvinte até ao acontecimento e vontades distintas, variáveis de ouvinte para ouvinte, de ser conduzido a esse mesmo acontecimento.

Talvez exista, na definição do relato desportivo, a tensão que se faz sentir entre a literatura e o jornalismo. No fundo, pretendemos trazer para o debate a ideia de autor, de obra e de arte.

Com efeito, talvez o relator viva "um conflito de valores entre a visão estética de autor e a orientação missionária e interventiva do jornalismo" (Godinho, 2009: 108).

"Para que o autor seja visível, é preciso que a sua escrita também o seja (com tudo o que entra em jogo na análise da "arte de bem escrever"), e isso só é possível quando a própria escrita torna visível o seu mundo de referências estilísticas. São as chamadas coordenadas formais, que não são mais do que dispositivos de desocultamento da palavra, de substancialização da escrita e, portanto, territórios que constituem os autores. A escrita da reportagem, para conseguir uma "artificial" imersão nas coisas do mundo exige, pelo contrário, uma forte "invisibilização" das palavras, e portanto, do autor. Esta "invisibilização" do sujeito - mediador que, como vimos, é uma das condições para o funcionamento do *legein*, é obviamente o ponto central e decisivo da tensão de reportar". (Godinho, 2009: 108)

Porventura, talvez possamos entender o relato como jornalismo narrativo. O relato não reporta "histórias falsas" mas sim verdadeiras, recorrendo "a recursos roubados às artes para os aplicar na não ficção". (Paulo Moura - Jornalismo Narrativo In. Conferência de Jornalismo, FCSH)

Nuno Matos parece espelhar esta ideia: "o jornalismo deve ser racional mas neste caso da narração desportiva, é um trabalho específico, um bocadinho à parte, entenda-se isso". O relato "não deixa de ser informação" mas precisa, por ser um "bocadinho especial", de "dinâmica e entretenimento" - a sua essência, no entender do jornalista da Antena1.

Para o relator da rádio pública, cabe depois a cada narrador criar essa tal dinâmica e entretenimento. Talvez por isso, Nuno Matos considera que o relato desportivo é uma narrativa de autor: "Estamos a falar de marca. O João Ricardo Pateiro não canta? Eu não sou um bocadinho vibrante demais?". E conclui: "Cada pessoa tem o seu estilo. Cada pessoa tem a sua envolvimento. Cada pessoa tem a sua forma de narrar, a sua forma de passar a mensagem, a forma de gritar golo, a forma de se ligar às pessoas".

Utilizando regras do jornalismo tradicional mas recorrendo a formas de linguagem específica, os relatores não deixam de passar com rigor e exactidão a mensagem, criando, ao mesmo tempo, um estilo próprio que os distingue entre si.

Para cerca de 85% dos inquiridos, o relato é então uma narrativa de autor e cerca de 74% considera que o deve ser de facto.

A opinião de Gonçalo Ventura vai ao encontro dos resultados obtidos no inquérito efetuado: "Cada relator tem um estilo próprio, não há dois iguais". O jornalista compara até a narração à feitura de uma peça em rádio: "Eu vejo a peça de uma maneira diferente de ti. Eu vejo um determinado acontecimento, e não precisa de ser um jogo de futebol, por exemplo, um acidente de avião, com um olhar e tu com outro."

Independentemente da maneira como cada relator leva a mensagem ao ouvinte, importa também perceber se quem escuta tem preferência e gosta das diferentes formas de relatar.

Na sua conferência na FCSH³, Paulo Moura refletiu igualmente sobre esta problemática, questionando o papel social do jornalismo narrativo e a sua aceitação entre o público.

No que respeita ao relato desportivo, não parece estar em causa esta questão, como torna claro Nuno Matos: "As pessoas gostam do meu trabalho".

³ Paulo Moura - Jornalismo Narrativo In. Conferência de Jornalismo, FCSH - 15 de Abril de 2013

O relator da Antena 1 explica "que não trabalha para os amigos ou para a redação" mas sim "para as pessoas". "A avaliação do meu trabalho é feita pelas pessoas e não pelos meus colegas jornalistas." O narrador explicita: "são as pessoas que reconhecem o nosso trabalho e são elas que nos dão valor e nós andamos aqui por causa delas".

Opinião semelhante tem João Ricardo Pateiro. O jornalista da TSF sabe que as pessoas gostam do seu relato e não tem problemas em admitir que foi por causa das canções que a sua narração "se tornou um sucesso".

Existem, portanto, formas distintas de realizar o *legen*, tanto por culpa do sujeito-mediador, como do recetor. A forma como cada relator reporta o jogo é variável, como varia igualmente a preferência do ouvinte por cada relator, ou seja, pela forma como recebe a estória.

Podemos então afirmar que o relator, ou seja, o jornalista "é encarado como alguém que conta estórias" (Mesquita, 2004: 189). "Afirmar a narrativa de algum texto jornalístico informativo significa admitir que as notícias correspondem a uma realidade construída de acordo com uma lógica interna própria, que se manifesta ao nível do conteúdo e da estrutura externa" (Mesquita, 2004: 189). Tal e qual como acontece no relato desportivo.

No entanto, será que o relator, ao contar a estória, ao descrever o que vê "com uma lógica interna própria, que se manifesta ao nível do conteúdo e da estrutura externa" (Mesquita, 2004: 189), está a fazer arte? No fundo, será que o relato, tal como questionava Pedro Sousa, pode ser entendido como arte?

A resposta a esta pergunta não é fácil e grande parte dos jornalistas têm opiniões contrárias em relação ao tema.

Mário Fernando acredita que não é qualquer pessoa que pode relatar. O editor da TSF explica que "é preciso ter apetência para tal" e "vocaçãõ". Para o jornalista, um relator "precisa de ter muito dele próprio" e talento para conseguir falar a uma velocidade tão rápida.

Gonçalo Ventura parece partilhar desta fundamentação:

"Uma coisa é descrever a chegada do Papa: "O Papa começa a descer as escadas, sapatos pretos...". Isto é uma coisa, outra coisa é: "bola na esquerda, com perigo, aí vai o Sporting, cruzamento, bola na grande área, goloooo". Isto é arte. É a capacidade de, em muito poucos segundos, dizer muitas palavras com sentido."

Ainda assim, o jornalista da Antena 1 defende: “não deixas de estar a descrever o momento. É Jornalismo.” E utiliza até uma expressão curiosa para classificar o relato: “é a arte de fazer bom jornalismo. Numa descrição longa, pormenorizada, exaustiva de um acontecimento.”

Concluindo, fica somente a dúvida: Poderá o conceito de jornalismo ser conciliado com o de arte?

A problemática deontológica do relator

Ao longo da segunda metade do século XX, em Portugal, existiriam vários relatores que ganharam expressão entre o grande público, apesar de muitos deles não serem jornalistas.

Essa curiosidade e a questão do entretenimento, que já vimos que está ligada ao relato, foi o que nos levou, então, a tentar compreender até que ponto é que será necessário uma narração desportiva ser feita por um jornalista.

Para cerca de 60% dos inquiridos um relator deverá obrigatoriamente ser um jornalista, embora mais de 40% tenha a opinião contrária. Compreendemos, assim, que este é mais um dos campos em que os jornalistas e relatores se dividem.

Gonçalo Ventura é da opinião de que tem de ser um jornalista a fazer um relato: “Vamos ter, com todo o respeito, um comediante a fazer um relato? Não. Porque nós estamos a contar a verdade e para contar a verdade e apurar factos, para descrever, somos nós, jornalistas. (...) Sou jornalista, tenho uma carteira profissional.”

Alexandre Afonso comunga desta opinião: “Qualquer pessoa faz um relato de futebol e não devia ser assim. Devia haver uma preparação para tal. Eu discordo, por exemplo, até aqui no caso da Antena 1, de alguns colaboradores que fazem de segunda a sexta uma coisa completamente diferente e depois aparecem ao microfone a falar de futebol ao fim de semana.”. No entender do relator, o relato “é algo demasiado sério” porque “choca com a paixão das pessoas pelo futebol e, às vezes, uma pessoa que tenha outra profissão, não tem a mesma capacidade” de um jornalista.

Nuno Matos segue a linha de pensamento dos colegas e sustenta que um relator deve ser um jornalista, pois há um conjunto de regras a serem cumpridas. “Tens de saber comunicar, tens de saber falar, tens de ter as regras básicas do jornalismo para lidar com várias situações”, explica o narrador.

Opinião um pouco distinta parece ter Mário Fernando. O editor da TSF defende que “por princípio o relator deve ser um jornalista”, mas recorda que “ao longo dos tempos” houve exemplos de “vários relatores que não eram jornalistas” e que conseguiram “fazer um exercício jornalístico ao contar um jogo de futebol”. Mário Fernando conclui: “De preferência deve ser um jornalista, alguém com carteira profissional, no entanto, desde que quem faça o relato se mantenha agarrado aos princípios fundamentais do jornalismo, não fico nada escandalizado que seja “um não jornalista” a fazer o relato”.

João Ricardo Pateiro tem opinião similar à do colega. Para o narrador, o relato “pode ser feito por um *entertainer*”, embora seja “uma vantagem ser um jornalista a fazê-lo.” O relator da TSF sustenta que um jornalista “dá mais rigor e credibilidade ao trabalho”.

Como já vimos, para Gonçalo Ventura o relato deve ser sempre feito por um jornalista até porque, entendendo o relato como um trabalho jornalístico, o código deontológico pode ser violado. O profissional da Antena 1 elucida: “Eu não posso estar de manhã a fazer, como acontece na televisão e como também já aconteceu na rádio, a apresentar um programa, que faz publicidade ao MEO e à noite fazer um jogo de futebol.” Para Gonçalo Ventura “ há interesses que são feridos e até deontológicos” e “não sendo [o relator] um jornalista, vale tudo”. “Nós não podemos fazer menções a marcas, bens ou serviços e há pessoas que o fazem e houve relatores que o fizeram e houve relatores sem carteira profissional durante muitos anos”- conclui.

Gonçalo Ventura reconhece que houve tempos em que os relatores tinham profissões que nada tinham a ver com o jornalismo mas refere também “que os tempos mudaram”. “Tu hoje em dia para trabalhares na área do jornalismo tens de ter carteira profissional”, explica.

O jornalista diz ainda que existem várias escolas de relato mas que a portuguesa segue um estilo mais cuidado. “A escola brasileira é totalmente diferente da portuguesa. No Brasil tudo é permitido, eles fazem publicidade no meio do relato”, esclarece Gonçalo Ventura. Para o profissional da estação pública, “o relato português é um relato mais europeu, mais cuidado, mais jornalístico, ou jornalístico apenas e só, que tem uma influência, se calhar, da BBC.”

Será talvez por defenderem que o relator deve ser um jornalista e por acreditarem no relato como um trabalho jornalístico, que cerca de 85% dos inquiridos sustenta que o relator se deve reger pelas normas do código deontológico do jornalista.

A verdade é que até a interpretação do código é variável de profissional para profissional e o que uns entendem como violação do mesmo, outros não.

Para Gonçalo Ventura, por exemplo, o acto de cantar durante um relato viola as normas do código pelo qual se regem os profissionais da comunicação social. O jornalista considera que a catanga é “espetáculo e *info entertainment*” e que essas práticas não se coadunam com a prática jornalística.

Ainda assim, há quem tenha uma visão diferente do recurso à cantiga num trabalho jornalístico. Paulo Moura, jornalista do Público, disse, na conferência sobre jornalismo narrativo, que “se o convencessem que era a cantar a forma mais fácil de passar a mensagem”, então, que não via “problema nenhum em recorrer ao canto”.

Apesar de termos alguma dificuldade em definir o canto no relato como entretenimento, ou não, e a sua compatibilidade com as normas do código deontológico, parece-nos é certo que o relator não deve ter um código próprio. Pelo menos se tivermos em linha de conta as respostas dadas ao nosso inquérito: 85% da amostra é contra a existência de regras diferentes para o narrador.

Nuno Matos sustenta que o jornalista desportivo “já não é muito bem visto” e que se o relator tivesse um regime diferente dos restantes jornalistas seria prejudicial. “... Se fossemos aqui criar um código deontológico especial para o relator, então não faltariam críticas”, diz o narrador. O jornalista da Antena 1 coloca todos ao mesmo nível, defendendo que “não existem jornalistas nem de primeira, nem de segunda” e que o código deontológico é aquele que existe.

Alexandre Afonso está de acordo com Nuno Matos e esclarece o seu ponto de vista de forma muito simplista: “É um jornalista, é um jornalista.”. No entender do narrador, criar um código próprio retiraria ao relator a classificação de jornalista. E, defendendo o profissional da Antena 1 que o relator deve ser um jornalista, nunca poderia concordar com a criação de regras especiais.

No final deste tópico abordarmos ainda a questão das rádios locais. Em Portugal, são muitos aqueles que durante a semana têm uma profissão, que não a de jornalista, e que ao fim de semana vão relatar.

Alexandre Afonso, embora também tenha começado numa rádio local sem carteira profissional, “discorda completamente” que assim seja. Para o narrador, “qualquer pessoa faz um relato de futebol e não deveria ser assim”. Apesar de criticar, em certa medida, o caminho que traçou, o agora profissional da Antena 1 não deixa de esclarecer: “Quando as rádios locais emergiram, na década de 80, até antes, houve a possibilidade de muitas vozes conseguirem chegar a rádios nacionais.”

A verdade é que actualmente são muitos os problemas económicos com que se deparam as emissoras locais.

Em 2004, a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista tentou criar uma norma obrigatória para que os relatos fossem feitos apenas por jornalistas, no entanto, devido aos constrangimentos das rádios locais e online, a decisão foi adiada em 2005.

Mário Fernando percebe “a limitação das rádios por esse país” mas não deixa de defender os “padrões profissionais”. No entender do editor da TSF, “não se pode ser relator, só porque se tem jeitinho”. O jornalista defende que no relato existem regras e que “devem ser aplicados princípios profissionais”.

O editor da TSF reconhece ainda assim que há “jovens valores nas rádios locais” e que seria importante conseguir “um aproveitamento” das suas qualidades. Mário Fernando defende “a criação de uma escola de relatores” e gostaria que as rádios nacionais tivessem capacidade para “recrutar mais gente e jovens talentos”, mas assume que tal é complicado, muito por culpa dos atuais “condicionamentos financeiros”.

O relator e a preferência clubística

Depois de termos olhado com detalhe para a problemática deontológica inerente ao acto de relatar, procuremos agora compreender se o relator deve revelar a sua preferência clubística.

Grande parte dos relatores desportivos que conhecemos, exerçam eles a função de edição, relato, reportagem ou comentário, têm um clube de eleição. Este é um assunto que gera alguma controvérsia principalmente para os ouvintes. Talvez porque o futebol, como já vimos, seja algo mais emocional do que racional.

Como explica Mário Fernando, "em Portugal, convencionou-se no jornalismo desportivo, político, ou económico que alguém só diz alguma coisa por causa do clube, do partido ou do modelo económico que se defende". Na opinião do editor da TSF, esta ideia "é do terceiro mundo".

O jornalista defende: "no primeiro mundo isto não acontece. Não nos conseguimos libertar disto". Se "em relação à economia e à política esta ideia se foi diluindo", no futebol não. Mário Fernando acredita que no jornalismo económico e no jornalismo político as discussões estão agora "mais centradas na metodologia e menos na ideologia" mas, "no futebol não saímos do sítio onde estávamos e a situação até piorou".

Para o editor da TSF, a primeira pergunta feita a um jornalista é: "qual é que é o seu clube?". No entanto, a questão não é feita por curiosidade. "As pessoas querem saber porque a partir daí tudo o que o jornalista disser é condicionado pelo clube de que ele é adepto".

Os adeptos chegam mesmo a ter "reações absurdas e comportamentos de quem pertence quase a uma seita religiosa", afirma Mário Fernando. O jornalista chega mesmo a dizer que na TSF já foram "acusados de ser Benfiquistas, Sportinguistas e Portistas no mesmo dia".

Urge portanto perceber se o relator deve ou não assumir a sua preferência clubística.

Na opinião de Alexandre Afonso, o relator "não tem que assumir de que clube é", embora o próprio já o tenha feito "num programa de televisão e numa revista".

Ainda assim, para o narrador da Antena1, assumir a preferência "não acrescenta o que quer que seja para o ouvinte". "O relator tem que ser visto como alguém que está ali para narrar o acontecimento, para relatar com isenção, com imparcialidade, com total desprendimento, com total afastamento dos clubes".

Gonçalo Ventura sustenta que cabe a cada relator a decisão de assumir ou não de que clube é. No entanto, "quem assume, que assuma as responsabilidades disso".

Nuno Matos parece estar ciente dos problemas que podem advir do ato de assumir a preferência clubística: "Eu assumo que tenho uma certa simpatia pelo Benfica mas também sei que se paga uma fatura por causa disso". Porém, o relator defende: "Sou altamente rigoroso na forma como desenvolvo o meu trabalho, quando a bola começa a rolar não há clubes. Até porque, o futebol não me move mais do que o meu trabalho. Gosto de futebol, sou um apaixonado por futebol, mas mais do que o desporto, é a minha profissão que está em causa".

Mário Fernando sustenta que "é irrelevante" o relator assumir de que clube é e comunga da opinião de Gonçalo Ventura: "Quem quiser diz, quem não quiser não diz". No entender do editor da TSF, o exercício do jornalismo no desporto ou em qualquer área "não tem nada a ver com a sua opção como indivíduo".

Embora alguns jornalistas, como já vimos, defendam que cabe a cada relator assumir ou não de que clube é, grande parte dos inquiridos, cerca de 70%, defendem que o narrador não o deve fazer. Entre as várias justificações destacamos as duas que foram dadas com maior assiduidade: a preocupação com a proteção do relator e a irrelevância da preferência clubística para a realização do trabalho com rigor e imparcialidade.

Ao defender que o relator não tem que assumir de que clube é, Alexandre Afonso recorda ainda que "um apresentador de telejornal também não diz se é do PS ou do PSD". O relator lembra que um pivô "dá notícias do PS e do PSD, favoráveis ao PS ou desfavoráveis, e não é por isso que revela a sua cor partidária". Conclui ainda: "Se os jornalistas não assumem a sua filiação partidária ou a sua opção política, se é que a têm, porque é que o relator há de assumir a sua preferência clubística?"

Alexandre Afonso defende ainda que assumir a preferência por um clube pode ser um benefício ou um prejuízo: "pode ser prejudicial para aqueles ouvintes que não são do clube de que o relator é, e é benéfico porque, se eu disser que sou de determinado clube os adeptos vão pensar "ele é do nosso clube" e passamos a ser vistos, não como devíamos ser vistos, mas porque se é do clube X ou Y".

Apesar de defender a não obrigatoriedade do relator revelar a opção clubística, Alexandre Afonso, afirma, tal como Mário Fernando, que "todos os relatores têm clube" e discorda daqueles que dizem que não têm qualquer preferência. "Todos têm clube, os árbitros também têm clube, os jogadores têm clube e jogam num clube e são de outro e o relator, estando no fenómeno do futebol, também tem clube, obviamente. Todos têm".

Em suma, concluímos que o mais importante para os jornalistas é que, independentemente de revelarem ou não o seu clube, relatem com imparcialidade e rigor.

As pressões externas

No mundo do desporto, principalmente no futebol, existe uma constante tensão entre clubes. A rivalidade entre emblemas, no campo económico e no desportivo, gerou sempre conflitos e relações nem sempre fáceis.

Para além disso, os próprios clubes têm os seus interesses e cada vez mais, com o futebol transformado num negócio, importa defendê-los.

Não podemos ainda esquecer que a escolha de um clube raramente é condicionada pela questão racional. Quando gostamos, gostamos. A escolha de um clube seja ele de futebol ou não, é normalmente feita de forma emocional. Assim sendo, os adeptos e dirigentes tendem a defendê-lo nem sempre da forma mais correcta. No caso do jornalismo, recorrem a formas de pressão para criticar ou tentar condicionar a actividade dos profissionais da comunicação.

Para Mário Fernando, o mais preocupante são as pressões vindas dos responsáveis dos clubes: "Todos sem excepção pressionam. Ninguém pode dizer que não pressiona.". Porém, o

editor revela que “lida bem” com a situação e sustenta que quem vai para o jornalismo tem de estar preparado: “ As regras do jogo são estas. Quem vem para a profissão sabe que a pressão vai existir.”

Mário Fernando diz que assistiu a tudo no meio desportivo. Assume que já recebeu chamadas onde ouviu “desmentidos indignadíssimos” e “acusações de mentira”. Ainda assim, em grande parte dos casos, a notícia é verdadeira.

Alexandre Afonso também admite que já foi alvo de pressões. O relator explicita: “Telefonemas, mensagens durante o jogo porque disse determinada coisa que aquele agente desportivo seja ele árbitro, presidente ou director, não gostou”. O jornalista da Antena 1 diz que nunca se deixou influenciar e “quer acreditar que ninguém se sujeita a pressões de um presidente ou de um clube (...)”. Porém, Alexandre Afonso admite que “se calhar acontece”.

A grande maioria dos inquiridos, cerca de 90%, confirma que os relatores são pressionados. Aproximadamente 35% da amostra defende que essas pressões ocorrem frequentemente e um pouco mais de 50% de forma rara. Destaque para o facto de nenhum jornalista ter respondido não a esta pergunta.

Curioso é constatar que quase nenhum dos entrevistados admita que os relatores se deixam influenciar pelas pressões, quando quase 50% dos inquiridos sustentam que isso acontece, nem que seja de forma rara.

Gonçalo Ventura é das poucas excepções: “Há quem se deixe influenciar, outros que não. Há quem tenha medo.” O jornalista da Antena 1 dá um exemplo de como a pressão pode ser feita: “Uma simples mensagem escrita a meio do jogo “olha que não é penalti”, ou “olha que é penalti”, há quem se deixe influenciar por isso e há quem não se deixe influenciar e mantenha a opinião firme até ao fim”.

Concluindo, percebemos que os relatores sofrem pressões de dirigentes de clubes e de adeptos e que, segundo os inquiridos, alguns se deixam influenciar, embora os nossos entrevistados não admitam essas pressões.

O futuro do relato desportivo

Na parte final do nosso trabalho, propomo-nos a tentar perceber se o relato desportivo continuará ou não a existir. Apoiar-nos-emos, para responder a esta questão, em alguns dados estatísticos que nos vão ajudar a compreender melhor o futuro do relato.

Na opinião de cerca de 70% dos inquiridos, o relato vai manter-se tal e qual como está. Apenas 5% acham que o relato irá desaparecer faseadamente e outros 5% pensam que sobreviverá apenas nas plataformas online. Os restantes 15% estão convencidos que o relato terá que se adaptar aos novos tempos, mas irá continuar a existir. Alexandre Afonso defende que em Portugal o relato vai continuar “nos moldes em que está”. O relator explicita:

“Estamos aqui a olhar para milhares de prédios, nestes milhares de prédios deve haver centenas de estabelecimentos e, se agora, tivéssemos uma capacidade de detetar as conversas que estão a ocorrer nesses sítios, em muitos deles está a falar-se de futebol. Ou seja, em Portugal há consumo. Porque é que a televisão não dá cricket? Porque não se consome. Portanto, o relato vai continuar”

Opinião semelhante à de Alexandre Afonso tem José Nunes. Para o comentador, “a rádio tem uma força imensa (...). Nem as pessoas da rádio se apercebem da força que a rádio tem.” O jornalista da rádio pública recorre ao exemplo do país vizinho: “(...) em Espanha, o futebol é uma indústria gigantesca, tens lá muitos dos melhores jogadores do mundo, as televisões andam ali a pagar fortunas colossais pelas transmissões e as rádios proliferam e têm programas e têm diretos (...)”.

Alexandre Afonso também se socorre de um exemplo espanhol, a rádio Marca, que só dá desporto, e que tem ouvintes: “há mercado para uma rádio só de desporto, que dê os relatos todos. E uma pessoa pode estar em casa e sabe que no jogo da 2ª liga a uma segunda-feira, aquela rádio está lá. Se houvesse uma rádio que desse todos os jogos tinha audiência.” O jornalista da Antena 1 explica ainda que mesmo com o crescimento da televisão, a rádio vai continuar a ter ouvintes: “nem sempre dá para ver televisão. Nem todas as pessoas vêm televisão. Há milhares de pessoas nos carros, a viajar. Portanto, a informação desportiva, o relato desportivo, tudo o que envolve o desporto vai continuar.”

José Nunes também defende a importância dos carros na continuidade do relato radiofónico: “Quando estamos no carro e não podemos estar a ver, é uma maravilha ouvir o

relato.” O comentador da Antena 1 destaca também, como o fez Alexandre Afonso, a questão cultural:

“Há mercado para tudo e o mercado do futebol é uma coisa alucinante nos países do sul da Europa, que apreciam muito este desporto. (...) Em Inglaterra há estádios cheios, mas, tanto quanto eu sei, não há nenhum jornal específico de desporto. No entanto, se fores para Itália, França, Espanha e depois entrares nos outros países da orla mediterrânica, tipo Grécia e Turquia ... aí é uma loucura total. Portanto, eu acho que o jornalismo desportivo e o relato têm um grande futuro.”

Mário Fernando também acredita que o relato não vai acabar, porém, defende que este “poderá sofrer alterações”, pois “não se fazem relatos hoje como se faziam há cinquenta anos.” Para o editor da TSF o relato continua a ter uma componente de emoção que lhe garante a sobrevivência: “Quando a televisão começou a transmitir jogos com frequência, chegou a temer-se que o relato acabasse e não acabou. E até surgiu o fenómeno interessante de as pessoas estarem a ver televisão e a ouvir o relato.”

Gonçalo Ventura defende que o relato vai “continuar, vai perdurar, apesar das novas plataformas, como o iPad, o iPod, através dos quais é possível ver televisão em todo o lado, mas aí, também é possível escutar rádio.” De acordo com o jornalista da Antena 1, “o relato da rádio continua a ser imprescindível, até porque, se acabarem com o relato, o futebol perde um bocadinho do jeito e do trejeito dele.”

Ainda assim, Gonçalo Ventura defende que as novas tecnologias “vão obrigar a que o relato se adapte a elas.” O jornalista não sabe é como é que isso será feito: “onde é que o advento da internet vai parar? Ninguém sabe. O que é que isto nos pode trazer? Não sei. (...) Acho que o relato vai ter que se adaptar. Não sei como, mas vai perdurar.”

João Ricardo Pateiro também sustenta que o relato sofrerá alterações com o advento da internet. O relator acredita que “não podemos ficar indiferentes ao aparecimento das coisas, como se o mundo tivesse parado em 1970”. O jornalista da TSF até crê que a internet poderá “ajudar o relato”. E exemplifica: “muita gente não ouve o relato em directo, mas vai procurar no *Youtube* como foi a narração daquele golo”. João Ricardo Pateiro recorda ainda que há muitos “emigrantes lá fora, que ouvem o relato pela net.”

O recurso à internet, como plataforma para escutar a narração desportiva é cada vez mais um hábito. José Pedro Pinto, jovem relator da Renascença, confirma-o:

“há de facto, um crescente número de ouvintes que usa as plataformas web para escutarem as emissões de rádio. No que diz respeito a relatos, a realidade é que as métricas mostram, sem dúvidas, esse crescimento significativo de ouvintes que abandonam o meio tradicional da rádio – seja em casa, no trabalho ou durante uma viagem de automóvel – passando a usar o computador ou os *smart phones* para escutarem as transmissões de futebol”.

O narrador da emissora católica conta até um episódio interessante: “durante a duração do jogo Benfica-Desportivo das Aves, para a Taça de Portugal da presente temporada, a Renascença não transmitiu essa partida, mas registou-se um “pico de audiência” na emissão online, bastante superior aos picos que normalmente se registam durante o dia.”

As estatísticas vão ao encontro desta ideia: desde 2008 até 2012 registou-se um crescimento superior a 7% no número de ouvintes de rádio pela internet. Em 2008, só 13% dos inquiridos usava a plataforma online para ouvir rádio, e em 2012 esse número subiu para 20,7% ⁴. (Anexo 6)

Apesar do crescimento do número de ouvintes na internet, Alexandre Afonso continua a acreditar na importância da rádio tradicional. A tarde desportiva da rádio pública, que vai para o ar todos os domingos, continua “a ganhar ouvintes” e “é um dos programas mais ouvidos da Antena 1”, diz Alexandre Afonso. “Não temos concorrência, portanto, todo o amante de desporto, domingo à tarde, está a ouvir. Imagina as centenas de atletas que andam de um lado para o outro no país, de carrinhas, de autocarros, equipas de hóquei em patins, de andebol (...). Essas pessoas chegam aos autocarros (...) e querem saber mais. Querem saber como ficaram os jogos dos outros clubes e vão à procura.”

As estatísticas parecem não desmentir o relator da Antena 1. Nos últimos cinco anos, o número de ouvintes tem-se mantido estável⁵. (Anexo 7)

Alguns relatores defendem também que o estilo da narração poderá sofrer alterações. João Ricardo Pateiro acredita que é necessário “trazer coisas novas” para a narração. O relator afirma: “O relato tem de se reinventar”. Para o jornalista da TSF o relato até já estava “ligado às máquinas” e a cair “num marasmo” e quando ele começou a usar as canções “quase que ressuscitou o relato”, pois meteu as pessoas a falar de novo sobre o mesmo.

Também Nuno Matos acredita que o relato tem futuro, embora admita que possa ser “noutros moldes”. Nuno Matos sustenta: “O primeiro relato deve ter sido feito por volta de 1930.

⁴ Fonte: Bareme Rádio

⁵ Fonte: Bareme Rádio

Desde lá até hoje, as coisas evoluíram, a essência não diferiu muito, as bases não se alteraram, mas houve uma certa evolução.” Por isso mesmo, Nuno Matos acredita que “é provável que haja mudanças”. O relator defende igualmente que “as plataformas online podem ser realmente importantes, não exclusivas, mas importantes.” De acordo com o jornalista da Antena 1, pode haver nas plataformas online, uma grande evolução do relato em Portugal.”

Gonçalo Ventura comunga da opinião de Nuno Matos no que concerne à utilização das plataformas online e acha que o recurso às redes sociais durante o relato, como já acontece por exemplo no Brasil, será importante para as transmissões. “É interação com o ouvinte. É pôr o ouvinte a falar na rádio. Nós próprios, aqui [Antena 1], estamos a tratar disso.”

Parece então ficar claro que os jornalistas desportivos não temem o fim do relato, embora receiem a escassez de profissionais desta área.

Apesar de reconhecer “jovens valores com grande potencial”, Mário Fernando “teme que se comecem a perder alguns.” “Recrutar mais gente e jovens talentos é algo que está condicionado.” No entender do editor da TSF “as empresas de comunicação estão condicionadas a nível financeiro”. Mário Fernando assume mesmo que mais do que o futuro dos relatos o preocupa a limitação do aproveitamento dos novos valores.

Nuno Matos perfilha a visão de Mário Fernando: “se calhar daqui a alguns anos mantem-se o relato desportivo, acho que não vai morrer, mas pode, na minha perspectiva, haver falta de relatores.” O narrador da Antena 1 culpa o mercado por esta situação: “é um mercado muito fechado e hoje em dia as rádios não estão a fazer muitos relatos por causa dos custos, portanto não há grandes chances.”

Em suma, os jornalistas desportivos são unânimes em afirmar que o relato desportivo não vai morrer. De facto, como afirma Alexandre Afonso, parece existir em Portugal, uma vasta audiência desportiva, e curiosamente, ela tem crescido na internet.

Os sites desportivos registaram um aumento do número de visitantes comparando os meses de Março de 2011⁶ e Março de 2013⁷. Em Março de 2011 (Anexo 8) os jornais “A Bola” e “Record” registaram respetivamente um número de visitas de 24 413 346 e 18 194 426. Em Março de 2013 (Anexo 9) estes valores foram de 31 647 134 e 21 645 376. Os sites dos jornais acima mencionados ocupam o segundo e terceiro lugares no ranking dos sites com mais visitas no mês e anos referidos.

⁶ Ranking de tráfego de entidades Web – Netscope (Março de 2011)

⁷ Ranking de tráfego de entidades Web – Netscope (Março de 2013)

Cabe agora aos jornalistas aproveitarem este mercado para valorizar o relato nas plataformas online, não esquecendo o meio tradicional, porque como vimos através do exemplo da tarde desportiva da Antena 1, o relato continue a ter expressão neste meio

Conclusão

Creemos que é difícil chegar a uma definição rígida sobre o que é o relato desportivo. O entendimento do relato diverge de jornalista para jornalista e de narrador para narrador.

Acreditamos, ainda assim, que o relato desportivo deverá ser entendido como um ato jornalístico porque, na verdade, ele não deixa de ser "uma descrição exaustiva, minuciosa, pormenorizada e rápida de um acontecimento", como nos diz Gonçalo Ventura. Ou seja, ao narrar estamos a reportar algo que está a acontecer, algo que é real. Não estamos a ficcionar o jogo a que estamos a assistir.

No entanto, talvez porque o relato seja, como refere Nuno Matos, "um trabalho específico um bocadinho à parte", é possível que se recorra a formas de entretenimento, sem que com isso, se transforme a narração desportiva em algo que tem como objectivo entreter. "O relato pode entreter" mas "nunca pode ser entretenimento", afirma Gonçalo Ventura.

Durante a narração desportiva é normal que os narradores coloquem emoção na descrição e que recorram a recursos estilísticos para melhor elucidarem o ouvinte do que está a acontecer em campo. Até porque, como nos diz Mário Fernando, "o futebol é emoção, mais do que outras modalidades" e "é normal que isso seja transmitido para quem está a ouvir e não está a ver".

Porem, continuamos a acreditar que não existe uma ideia consensual sobre a dosagem no recurso ao relato emocional e estilizado. Cada relator tem o seu estilo próprio e a sua forma característica de fazer chegar a mensagem ao ouvinte: "estamos a falar de estilos, estamos a falar de marca", explica Nuno Matos.

Com efeito, e tendo em conta as formas distintas de narrar, acreditamos que devemos entender o relato como uma narrativa de autor. Uns são mais emotivos, outros menos. Uns cantam, outros não. E o próprio ouvinte tem os seus gostos e preferências. A forma como gostam de receber a mensagem varia de pessoa para pessoa.

Assim, entendemos que o relato tem fortes pontos de contacto com o conceito de jornalismo narrativo. Cada relator tem a sua própria forma de contar a estória e recorre a recursos literários para contar a realidade. No fundo, o relator vive "um conflito de valores entre a visão estética de autor e a orientação missionária e interventiva do jornalismo" (Godinho, 2009: 108). Por um lado, quanto mais eficaz é a reportagem maior é a invisibilidade do seu autor e, por outro,

quanto melhor for a escrita [o relato], mais brilha a criatividade e arte do autor (Godinho, 2009: 108).

Com efeito, na tentativa de definir o relato como um género, encontramos a mesma dificuldade que Jacinto Godinho encontrou para categorizar a reportagem: " (...) durante uma reportagem passa-se rapidamente do descrever ao comentar, do relato ao opinar, devido à inexistência de um saber que concentre o fazer da reportagem [relato]. Em Portugal, por exemplo, cada repórter [relator] tem a sua cartilha". (Godinho, 2009: 19)

A nós parece-nos claro que o relato desportivo deve ser entendido como um género jornalístico. A problemática do entretenimento, a que alguns dos entrevistados fazem referência, só se poderá colocar se se ficcionar, se não se for objetivo e imparcial. Devemos entender o entretenimento como uma forma de cativar o ouvinte.

Talvez o relato desportivo até possa ser entendido como um género jornalístico específico, como explicita Gonçalo Ventura. Para o profissional da Antena1 o relato "é um género jornalístico onde cabem todos os géneros jornalísticos. Tem muita descrição, tem opinião, tem entrevista". "Padronizaram-se alguns géneros jornalísticos, como a reportagem, a crónica, mas nunca se falou do relato... O relato é um género jornalístico. Muito peculiar, mas é um género jornalístico onde cabem todos os géneros jornalísticos".

Com efeito, e não esquecendo que o relato vive da narração e do comentário, acreditamos que é difícil definir o limbo entre relato e comentário. Se é certo, como fica claro nas palavras de Gonçalo Ventura, "que o relator está sempre a dar opinião", não menos certo é que ele não deve invadir o campo do comentador, ou condicionar a sua intervenção. A gestão dessa fronteira deve, assim, de acordo com José Nunes, ser feita recorrendo ao "bom senso, profissionalismo, experiência e maturidade".

Ainda que possamos entender o relato como um género específico, o relator não deve ter um código deontológico próprio como, aliás, ficou patente nas respostas ao nosso inquérito. Cremos que a grande questão é saber se o relato deve ser feito por um detentor de carteira profissional ou não. De acordo com a maioria das opiniões recolhidas, o relator deve ser detentor da carteira profissional de jornalista, e sendo assim está obrigado a reger-se pelas normas do código deontológico, estando ao mesmo tempo protegido pelas regras deste.

Olhando agora para a questão da preferência clubística, os relatores afirmam que põem de lado a influência do clube de que são adeptos durante o relato. No entanto, acreditamos que a influência clubística pode ser percecionada pelo ouvinte se houver mais entusiasmo ao relatar uma

jogada de perigo do clube de que se gosta, ou ao gritar com mais intensidade o golo da equipa de eleição. É preciso descrever, mas estar sempre alerta para não denunciar a preferência clubística e para ter rigor na hora de ajuizar lances polémicos.

Quem escuta está atento a estes pequenos detalhes e a julgar permanentemente o trabalho do relator, questionando qual será a preferência clubística de quem está a relatar. Por isso, talvez o feedback dos ouvintes e as próprias pressões que estes possam exercer, influenciem os estilos dos narradores. Ainda que quem narre possa criar mecanismos para excluir o recurso a palavras difíceis e controlar o entusiasmo, a verdade é que a questão clubística e a opinião de quem escuta influencia, mesmo que subconscientemente, as formas de narrar de cada relator.

Terminamos com a análise ao futuro do relato desportivo. Como parece ficar claro, de acordo com os entrevistados e inquiridos, o relato desportivo não irá desaparecer, ainda que possa necessitar de se adaptar aos novos tempos e às novas plataformas de comunicação.

Parece-nos óbvio, tal como confirmámos recorrendo aos dados estatísticos, que Portugal é um país consumidor de desporto e que gosta particularmente de futebol. Na opinião de Alexandre Afonso, "há público" e "cliente" e até "mercado para uma rádio só de desporto que dê os relatos todos". Os relatores terão de aproveitar este mesmo mercado, como nos diz João Ricardo Pateiro, "para reinventar o relato e torná-lo moderno".

Os relatos desportivos terão ainda de aproveitar as novas plataformas. Como vimos, o número de ouvintes de rádio na internet está a subir e, como ficou claro, com o exemplo dado por José Pedro Pinto, as pessoas começam a utilizar as novas plataformas para ouvirem os relatos desportivos.

Em suma, acreditamos que o futuro do relato não está comprometido. Existe público que continua a procurar a narração independentemente do estilo de cada relator. O relato continuará a ser escutado, seja no rádio tradicional ou nas novas plataformas, entendamo-lo nós como jornalismo ou arte, embora, na nossa opinião, os dois conceitos sejam compatíveis: "apreender no mesmo movimento homens e coisas, notar e extrair os seus traços essenciais, fixar tudo numa só imagem clara, precisa, aguda, que revele alegria, cólera, piedade - tudo isto num piscar de olhos - não é arte? (...) Uma arte rápida, lesta, sem pretensões porque talvez não vise de maneira nenhuma a eternidade". (Godinho apud Viollis, 2009: 108)

Talvez seja esta a melhor forma de definir o relato desportivo.

Bibliografia

- Antón, E. R. (1998), *La radio del futuro es una radio digital* – Retirado em Março de 2013 de <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodero-emma-radio-futuro.pdf>>
- Bertrand, C. (2002), *A Deontologia dos Media*, MinervaCoimbra
- Bianco, N. D. (2008), *Remediação do radiojornalismo na era da informação* – Retirado em Março de 2013 de <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-remediacao-radiojornalismo-era-da-informacao.pdf>>
- Boyton, R.S. (2005), *The New New Journalism*, Vintage Books and Anchor Books
- Carvalho, A.A. (2009), *A RTP e o Serviço Público de Televisão*, Almendina
- Coelho, J.N. (2001), *Portugal a equipa de todos nós – nacionalismo, futebol e media*, Edições Afrontamento
- Cordeiro, P. (2004), *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*, Universidade do Algarve. Retirado em Março de 2003 de <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>>
- Cordeiro, P. (2004), *Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio*, Universidade do Algarve – Retirado em Fevereiro de 2013 de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf>
- Correia, M. (2009), *A observação participante enquanto técnica de investigação*, Pensar enfermagem
- Franciscato, C. (2006), *JORNALISMO, CIÊNCIA E SENSO COMUM - Contribuições do método científico para a reportagem jornalística*, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
- Godinho, J. (2009), *As Origens da Reportagem – Imprensa*, Livros Horizonte
- Mesquita, M. (2004), *O Quarto Equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*, MinervaCoimbra
- Pessoa, S. (2009), *Rádio e tecnologias digitais: desafios para a formação do jornalista* – Retirado em Março de 2013 de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-coordenada_radiojornalismo-pessoa.pdf>

Pinto, M. (2005), *Televisão e cidadania. Contributos para o debate sobre o serviço público*, Campo das Letras

Roque, R. (2009), “*Jornalismo Desportivo*” – *Um campo de Emoções. Uma semana de jornais de desporto da Antena 1 em análise.*, Tese de Mestrado

Schinner, C. (2004), *Manual dos Locutores Esportivos*, Panda Books

Traquina, N. (2000), *O Poder do Jornalismo*, MinervaCoimbra

Vicente, P. e Reis, E. e Ferrão, F. (2001), *Sondagens – A amostragem como fator decisivo de qualidade*, Edições Sílabo

Anexos

Anexo 1

Inquérito

A inquirição dos membros da comunidade fornece dados fundamentais para a análise quantitativa do nosso estudo, essencial para “ampliar o leque de tópicos acessíveis à investigação jornalística” (Franciscato, 2006: 4).

Já mencionámos anteriormente a pertinente utilização de métodos quantitativos, aplicados nas ciências sociais, na investigação jornalística. “O recurso a uma pesquisa científica garante uma menor padronização dos trabalhos e assegura uma maior reflexão sobre o tema estudado” (Franciscato, 2006: 3).

De acordo com esta lógica, estruturámos um inquérito que nos permitisse chegar a conclusões quantitativas que respondessem às questões que previamente estabelecemos.

Com o objetivo de garantir uma estruturação e aplicação corretas do inquérito, seguimos a proposta de enquadramento de estudo do livro *Sondagens* (2001) das autoras Paula Vicente, Elizabeth Reis e Fátima Ferrão.

Assim sendo, delineámos desde logo o problema e especificámos os objetivos do nosso estudo. Este primeiro passo foi importantíssimo para facilitar todo o trabalho posterior até à análise dos dados (Vicente, Reis e Ferrão, 2001).

Com efeito, como principais objetivos do nosso estudo definimos: a procura da definição do relato (Será jornalismo ou entretenimento?), a clarificação do papel do relator (Tem de ser ou não um jornalista? Quais as suas responsabilidades deontológicas?) e o futuro do relato (Continuará a existir? Será feito nos mesmo moldes?).

Após esta etapa, e recolhida alguma informação auxiliar que permitiu uma melhor definição de objetivos, conceitos e perceção da realidade a estudar (Vicente, Reis e Ferrão, 2001), procurámos definir com clareza a população alvo do nosso estudo.

Ao longo de todo este processo, não nos esquecemos dos constrangimentos implícitos à aplicação do nosso inquérito. A limitação financeira e temporal (Vicente, Reis e Ferrão, 2001) levou a que o nosso inquérito fosse aplicado de modo a que a obtenção dos resultados fosse rápida.

Cumprida esta primeira fase, focámo-nos na conceção do questionário. Definimos o conteúdo e a forma do mesmo, nunca esquecendo conceitos fundamentais como a linguagem, o formato das questões ou a sequência da apresentação dos temas.

Posteriormente, sujeitámos o nosso inquérito a um pré-teste. Aplicámo-lo a alguns jornalistas da Antena 1, “com o objetivo de identificar perguntas-problema que justificassem uma modificação da redação, de formato ou mesmo eliminação final” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 22).

Depois de detetados alguns erros e imprecisões, procedemos às correções necessárias e elaborámos, por fim, a versão definitiva do nosso questionário (Vicente, Reis e Ferrão, 2001).

Cumprida esta etapa, procurámos compreender qual seria a melhor técnica de amostragem a adotar. Tivemos em linha de conta fatores como a acessibilidade aos elementos da população em estudo e o tempo disponível para a aplicação do inquérito. (Vicente, Reis e Ferrão, 2001)

Reconhecendo a especificidade do nosso tema, decidimos que o nosso questionário deveria ser aplicado somente aos profissionais do jornalismo desportivo, na medida em que eles dispõem de conhecimentos únicos sobre as temáticas em estudo.

Com efeito, e tendo em conta a população alvo do nosso estudo, escolhemos a técnica amostral não aleatória.

Na amostragem aleatória “qualquer elemento (ou grupo de elementos) da população tem probabilidade, calculável e diferente de zero, de ser escolhido para integrar a amostra” (Vicente, Reis e Ferrão apud Hansen *et al*, 2001: 48).

Ora, considerando a especificidade do nosso estudo e o enquadramento do questionário, pareceu-nos mais correto escolher um técnica amostral onde “a inclusão dos elementos é

determinada por um critério subjetivo, normalmente uma opinião pessoal, e não pela rigorosa aplicação da teoria das probabilidades” (Vicente, Reis e Ferrão, apud Chisnall, 2001: 50).

Sabemos que ao escolher esta técnica corremos alguns riscos, pois os resultados obtidos poderiam não ser os mais rigorosos e a sua generalização ser precipitada. No entanto, e não esquecendo os constrangimentos inerentes ao método escolhido, “se a opinião emitida for uma boa opinião, os resultados serão bons” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 50).

Tendo em conta as vantagens e desvantagens dos dois métodos, estamos cientes de que o mais importante é “obter estimativas o mais próximo possível do verdadeiro valor dos parâmetros e que isto é tanto melhor conseguido quanto mais representativa a amostra for do universo” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 51).

Dentro desta lógica - e tendo em linha de conta “que o que confere a categoria de não aleatória a uma amostra é a ausência de um mecanismo que determina rigorosamente quem é escolhido, recorrendo-se para o efeito ao julgamento humano (...) (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 71) – optámos pelo procedimento intencional.

Este tipo de amostragem é “composta de elementos seleccionados deliberadamente pelo investigador, geralmente porque este considera que possuem características que são típicas e representativas da população” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 72).

Assim sendo, escolhemos como inquiridos os jornalistas desportivos das redações de Lisboa das três principais rádios nacionais com departamento de desporto e que relatam jogos de futebol: Antena 1, TSF e Rádio Renascença.

Ao definirmos esta amostra estamos, com efeito, à procura de “recolher ideias e opiniões de fundo que contribuam para uma perspetiva melhorada da questão em estudo” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 72)

Na verdade, a escolha dos inquiridos foi feita “não tanto pela representatividade, mas porque eles prestam a colaboração de que se necessita” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 72).

Num fim último, esta escolha amostral permitiria ainda entender se existem visões diferentes nas várias redações sobre o relato, o papel do relator e o futuro da atividade.

Sabemos que a nossa amostra é bastante reduzida e que o número de inquiridos poderá ser insuficiente para chegar a conclusões que possamos considerar sustentáveis. Ainda assim, e tendo em conta o reduzido número de jornalistas desportivos nas rádios nacionais, decidimo-nos pela aplicação do inquérito.

Importa, antes de terminar este tópico, referir que a inquirição decorreu durante a semana de um a cinco de abril de 2013.

Entrevistas

As entrevistas são uma forma de obter mais dados relativamente ao tema em estudo e um auxílio fundamental para uma interpretação assertiva dos resultados obtidos nos questionários.

Ao entrevistarmos jornalistas desportivos, compreendemos igualmente se existem formas distintas de olhar para o relato, para o seu futuro e para o papel dos intervenientes nas transmissões desportivas na rádio.

Seria interessante que as respostas dadas, acerca da temática em estudo, variassem de relator para relator, de jornalista para jornalista. Tal situação constituiria um ponto de análise aliciante e enriqueceria ainda mais o nosso trabalho.

Com efeito, depois de decorrida a Observação Participante e de aplicados os inquéritos, estruturámos uma entrevista com o objetivo de analisar melhor os dados recolhidos durante as duas etapas anteriores e de aflorar temas que necessitassem de um maior esclarecimento.

Recorremos novamente ao livro “Sondagens” (2001) das autoras Paula Vicente, Elizabeth Reis e Fátima Ferrão para guiar a preparação e a recolha da informação.

Importa salientar, antes de mais considerações, que devemos entender a entrevista, como a definiu Chisnall: “uma conversa com propósito” (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 130). A sua constituição é definida, de acordo com Fowler e Mangione, por duas componentes: “a essência da conversação que se estabelece consiste em perguntas e respostas; os participantes no processo têm definidos papéis mutuamente exclusivos: um coloca as questões (entrevistador) e o outro fornece as respostas (entrevistado) (Vicente, Reis e Ferrão, 2001: 130).

Depois de analisarmos com minúcia os vários métodos propostos para a condução de uma entrevista, com o auxílio de mais fontes bibliográficas, decidimos que deveríamos recorrer ao modelo semiestruturado como guia para as nossas conversas.

A entrevista semiestruturada, também classificada como semidiretiva, pareceu-nos ser a mais adequada, na medida em que seria a que melhor serviria os propósitos do nosso trabalho.

Nesta técnica, “o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reações por parte do inquirido, mas a ordem como os irá introduzir é deixada ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista.” (Ghiglione e Matalon, 2005: 64)

Tendo em conta a especificidade do nosso estudo, recorrer a um questionário fechado limitaria as respostas do entrevistado e não nos permitiria aflorar questões que são facilmente abordadas quando oferecemos a hipótese ao entrevistado de responder com maior liberdade. Ao não estabelecermos um conjunto de “questões sucessivas, cuja ordem e formulação foram fixadas antecipadamente” (Ghiglione e Matalon, 2005: 63), quem responde tem maior à vontade para desenvolver o tema, alargando assim a gama de respostas. (Ghiglione e Matalon, 2005).

A utilização da técnica semiestruturada dá-nos ainda a possibilidade de adaptarmos a entrevista às particularidades do inquirido (Ghiglione e Matalon, 2005) o que constituiu uma vantagem óbvia. Mediante o perfil do entrevistado, a adaptação poderá permitir-nos mais facilmente moldar a condução da entrevista.

Os propósitos e as características das entrevistas podem ser distintos, consoante os objetivos das mesmas. Importa, por isso, antes de mais considerações, explicitar que, para o nosso trabalho, classificámos a nossa entrevista com a categoria de estudo (Ghiglione e Matalon, 2005).

A entrevista de estudo, normalmente sempre requerida pelo entrevistador, pode ter vários intentos como “controlar uma questão específica”, “verificar o domínio de investigação”, “aprofundar um campo de estudo” ou “explorar um domínio que não conhecemos” (Ghiglione e Matalon, 2005: 66). Desde logo, diferencia-se da entrevista com um objetivo de diagnóstico porque o entrevistado “aceita, num determinado momento (por razões diversas e possivelmente pouco importantes), roubar um pouco de tempo às suas atividades normais”, não esperando

“qualquer benefício pessoal da entrevista a que se submeteu com mais ou menos boa vontade”. (Ghiglione e Matalon, 2005: 66).

Focando-nos novamente na nossa entrevista, e antes de explicitar os dois grandes objetivos da mesma, expliquemos com maior detalhe a técnica semiestruturada.

A entrevista semiestruturada, como já referimos, pressupõe que existe uma espécie de esquema de entrevista, mas não define uma ordem obrigatória para a abordagem dos temas (Ghiglione e Matalon, 2005).

Por princípio, o entrevistador apresenta uma grelha de temas ao entrevistado, esperando que este desenvolva um dos tópicos. Caso o inquirido não aborde nenhum tema em específico, cabe então ao inquiridor sugerir um tema para dar início à conversa. (Ghiglione e Matalon, 2005).

Durante a entrevista, o entrevistador deve, então, guiar a conversação para que esta possa ir ao encontro dos objetivos do estudo.

No nosso trabalho, os principais objetivos da nossa entrevista foram verificar e aprofundar alguma da informação já recolhida, através da Observação Participante e do inquérito realizado à amostra definida.

No fundo, seguimos o quadro apresentado no livro “O Inquérito” (2005), de Ghiglione e Matalon.

Como explicitam os autores, a entrevista semidiretiva “intervém a meio caminho entre um conhecimento completo e anterior da situação por parte do investigador, o que remete para a entrevista diretiva ou para o questionário (...) e uma ausência de conhecimento, o que remete para a entrevista não diretiva.” (Ghiglione e Matalon, 2005: 88).

Concluindo, “a entrevista semidiretiva é, portanto, adequada para aprofundar um determinado domínio, ou verificar a evolução de um domínio já conhecido.” (Ghiglione e Matalon, 2005: 89)

Ainda antes de terminar este tópico, importa ainda olhar para alguns fatores relacionados com a entrevista em si, como por exemplo a forma como devemos lidar com os entrevistados.

As técnicas utilizadas nas entrevistas são importantes para garantirmos uma maior e melhor captação da informação e “assegurar que o inquirido se exprima o mais completamente possível sobre o tema que lhe tenha sido proposto”. (Ghiglione e Matalon, 2005: 90).

Assim, procurámos utilizar uma linguagem acessível para o entrevistado, abordar um tema que fosse estimulante e que apelasse à resposta, delinear com clareza o papel do inquiridor e do inquirido, motivar as respostas do entrevistado e absorver o máximo de informação possível. (Ghiglione e Matalon, 2005).

Antes de terminarmos este capítulo importa referir que durante a semana de oito a doze de abril entrevistámos: Gonçalo Ventura, Alexandre Afonso, Nuno Matos e José Nunes da Antena 1; José Pedro Pinto da Rádio Renascença; Mário Fernando e João Ricardo Pateiro da TSF.

Anexo 2

Inquérito para auxílio à conclusão do relatório de estágio, cujo tema é o Relato Desportivo

Escolha apenas uma resposta em cada uma das perguntas que se seguem:

Relato desportivo - definição

1. O relato desportivo é:

- Notícia
- Reportagem
- Entretenimento
- Crónica
- Reportagem com entretenimento
- Entretenimento com reportagem

2. O relato desportivo deve ser:

- Notícia
- Reportagem
- Entretenimento
- Crónica
- Reportagem com entretenimento
- Entretenimento com reportagem

3. A classificação do “relato desportivo” ...

- É dada somente ao ato de quem relata
- à intervenção de todos os participantes na emissão (relator, comentador, repórter, coordenador)

Caracterização do relator e das suas funções

4. Durante o jogo, o relator emite a sua opinião:

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

5. Durante o jogo, o relator deve emitir a sua opinião:

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

6. A tarefa do relator *confunde-se* com a do comentador?

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

7. A tarefa do relator deve *confundir-se* com a do comentador?

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

8. O relato é descritivo factual ou recorre a todas as figuras de estilo (hipérboles, adjetivos, metáforas) e formas de entretenimento (Canções, musica, etc.)?

- Descritivo factual
- Recorre a todas as figuras de estilo e a formas de entretenimento
- As duas respostas anteriores

9. O relato deve ser descritivo, factual ou recorrer a todas as figuras de estilo (hipérboles, adjetivos, metáforas) e formas de entretenimento (Canções, musica, etc.)?

- Descritivo factual
- Recorrer a todas as figuras de estilo e a formas de entretenimento
- As duas respostas anteriores

10. Um relator tem obrigatoriamente de ser um jornalista (considerando que um jornalista é aquele que é portador de uma carteira profissional)?

- Sim
- Não

11. Um relator deve reger-se pelas normas do código deontológico do jornalista?

- Sim
- Não

12. Deveria o relator ter um código deontológico próprio?

- Sim
- Não

13. O relator deve assumir a preferência clubística?

- Sim

Porquê? _____

- Não

Porquê? _____

14. Um relato emotivo é jornalismo ou ficção?

- Jornalismo
- Ficção

15. Os relatores recorrem ao sensacionalismo?

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

16. Os relatores devem recorrer ao sensacionalismo?

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

17. Os relatores sofrem pressões externas ao jornalismo (Federação, Liga, Clubes...)?

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca
- Não sabe / Não responde

18. Os relatores são influenciados por pressões externas ao jornalismo (Federação, Liga, Clubes...)?

- Frequentemente
- Raramente
- Nunca
- Não sabe / Não responde

19. O relato desportivo é uma narrativa de autor?

- Sim
- Não

20. O relato desportivo deve ser uma narrativa de autor?

- Sim
- Não

O futuro do relato desportivo

21. Qual o futuro do relato desportivo?

- Vai desaparecer brevemente
- Tende a desaparecer de forma faseada
- Vai subsistir nos moldes atuais
- Estará presente somente nas plataformas online
- Continuará a existir, mas a forma como é feito será alterada

Que alterações? _____

Anexo 3

Resultados do Inquérito

1 - O relato desportivo é:

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Crónica	1			1	12,50%	0,00%	0,00%	5,26%
Entretenimento com reportagem	1			1	12,50%	0,00%	0,00%	5,26%
Notícia	2	1		3	25,00%	16,67%	0,00%	15,79%
Reportagem	2	3	2	7	25,00%	50,00%	40,00%	36,84%
Reportagem com entretenimento	2	2	3	7	25,00%	33,33%	60,00%	36,84%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

2 - O relato desportivo deve ser:

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Crónica	1			1	12,50%	0,00%	0,00%	5,26%
Entretenimento com reportagem	1			1	12,50%	0,00%	0,00%	5,26%
Notícia	2	1		3	25,00%	16,67%	0,00%	15,79%
Reportagem	1	3	3	7	12,50%	50,00%	60,00%	36,84%
Reportagem com entretenimento	3	2	2	7	37,50%	33,33%	40,00%	36,84%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

3 - A classificação do "relato desportivo" ...

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
à intervenção de todos os participantes na emissão	5	6	5	16	62,50%	100,00%	100,00%	84,21%
É dada somente ao ato de quem relata	3			3	37,50%	0,00%	0,00%	15,79%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

4 - Durante o jogo, o relator emite a sua opinião:

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	4	4	4	12	50,00%	66,67%	80,00%	63,16%
Nunca	1			1	12,50%	0,00%	0,00%	5,26%
Raramente	3	2	1	6	37,50%	33,33%	20,00%	31,58%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

5 - Durante o jogo, o relator deve emitir a sua opinião:

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	4	4	1	9	50,00%	66,67%	20,00%	47,37%
Nunca	1		1	2	12,50%	0,00%	20,00%	10,53%
Raramente	3	2	3	8	37,50%	33,33%	60,00%	42,11%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

6 - A tarefa do relator confunde-se com a do comentador?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	4	2	2	8	50,00%	33,33%	40,00%	42,11%
Nunca	3	2		5	37,50%	33,33%	0,00%	26,32%
Raramente	1	2	3	6	12,50%	33,33%	60,00%	31,58%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

7 - A tarefa do relator deve confundir-se com a do comentador?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Nunca	5	3	4	12	62,50%	50,00%	80,00%	63,16%
Raramente	3	3	1	7	37,50%	50,00%	20,00%	36,84%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

8 - O relato é descritivo factual ou recorre a todas as figuras de estilo (hipérboles, adjetivos, metáforas) e formas de entretenimento (Canções, musica, etc.)?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
As duas respostas anteriores	6	4	3	13	75,00%	66,67%	60,00%	68,42%
Descritivo factual	2	1	1	4	25,00%	16,67%	20,00%	21,05%
Recorre a todas as figuras de estilo e a formas ...		1	1	2	0,00%	16,67%	20,00%	10,53%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

9 - O relato deve ser descritivo, factual ou recorrer a todas as figuras de estilo (hipérboles, adjetivos, metáforas) e formas de entretenimento (Canções, musica, etc.)?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
As duas respostas anteriores	5	4	2	11	62,50%	66,67%	40,00%	57,89%
Descritivo factual	3	1	3	7	37,50%	16,67%	60,00%	36,84%
Recorrer a todas as figuras de estilo e a formas ...		1		1	0,00%	16,67%	0,00%	5,26%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

10 - Um relator tem obrigatoriamente de ser um jornalista (considerando que um jornalista é aquele que é portador de uma carteira profissional)?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Não	2	4	2	8	25,00%	66,67%	40,00%	42,11%
Sim	6	2	3	11	75,00%	33,33%	60,00%	57,89%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

11 - Um relator deve reger-se pelas normas do código deontológico do jornalista?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Não	1	2		3	12,50%	33,33%	0,00%	15,79%
Sim	7	4	5	16	87,50%	66,67%	100,00%	84,21%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

12 - Deveria o relator ter um código deontológico próprio?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Não	7	5	4	16	87,50%	83,33%	80,00%	84,21%
Sim	1	1	1	3	12,50%	16,67%	20,00%	15,79%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

13 - O relator deve assumir a preferência clubística?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Não	4	5	4	13	50,00%	83,33%	80,00%	68,42%
Sim	4	1	1	6	50,00%	16,67%	20,00%	31,58%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

14 - Um relato emotivo é jornalismo ou ficção?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Jornalismo	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

15 - Os relatores recorrem ao sensacionalismo?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	4	5	3	12	50,00%	83,33%	60,00%	63,16%
Nunca			1	1	0,00%	0,00%	20,00%	5,26%
Raramente	4	1	1	6	50,00%	16,67%	20,00%	31,58%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

16 - Os relatores devem recorrer ao sensacionalismo?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	2	1	1	4	25,00%	16,67%	20,00%	21,05%
Nunca	4		4	8	50,00%	0,00%	80,00%	42,11%
Raramente	2	5		7	25,00%	83,33%	0,00%	36,84%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

17 - Os relatores sofrem pressões externas ao jornalismo (Federação, Liga, Clubes...)?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	3	3	1	7	37,50%	50,00%	20,00%	36,84%
Não sabe/Não responde		1	1	2	0,00%	16,67%	20,00%	10,53%
Raramente	5	2	3	10	62,50%	33,33%	60,00%	52,63%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

18 - Os relatores são influenciados por pressões externas ao jornalismo (Federação, Liga, Clubes...)?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Frequentemente	3	2		5	37,50%	33,33%	0,00%	26,32%
Não sabe/Não responde		1	1	2	0,00%	16,67%	20,00%	10,53%
Nunca			3	3	0,00%	0,00%	60,00%	15,79%
Raramente	5	3	1	9	62,50%	50,00%	20,00%	47,37%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

19 - O relato desportivo é uma narrativa de autor?

	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Não	2	1		3	25,00%	16,67%	0,00%	15,79%
Sim	6	5	5	16	75,00%	83,33%	100,00%	84,21%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

20 - O relato desportivo deve ser uma narrativa de autor?

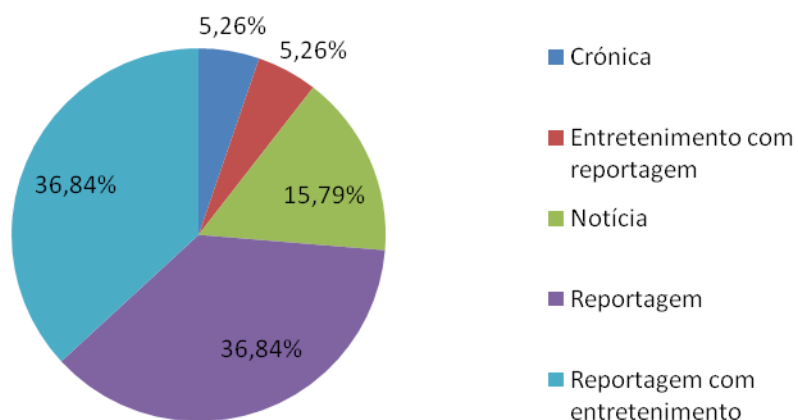
	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Não	3	1	1	5	37,50%	16,67%	20,00%	26,32%
Sim	5	5	4	14	62,50%	83,33%	80,00%	73,68%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

21 - Qual o futuro do relato desportivo?

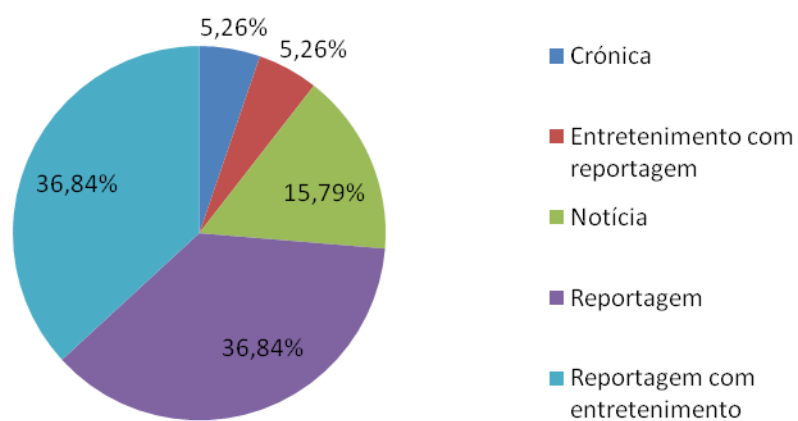
	Antena 1	RR	TSF	Total	Antena 1	RR	TSF	Total
Continuará a existir		1		1	0,00%	16,67%	0,00%	5,26%
Continuará a existir, mas a forma como é feito será alterada	1		2	3	12,50%	0,00%	40,00%	15,79%
Estará presente somente nas plataformas online		1		1	0,00%	16,67%	0,00%	5,26%
Tende a desaparecer de forma faseada	1			1	12,50%	0,00%	0,00%	5,26%
Vai subsistir nos moldes atuais	6	4	3	13	75,00%	66,67%	60,00%	68,42%
Total	8	6	5	19	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Gráficos dos resultados do inquérito

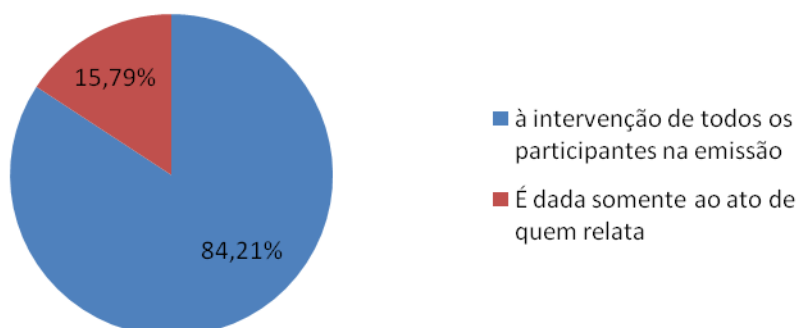
1 - O relato desportivo é:



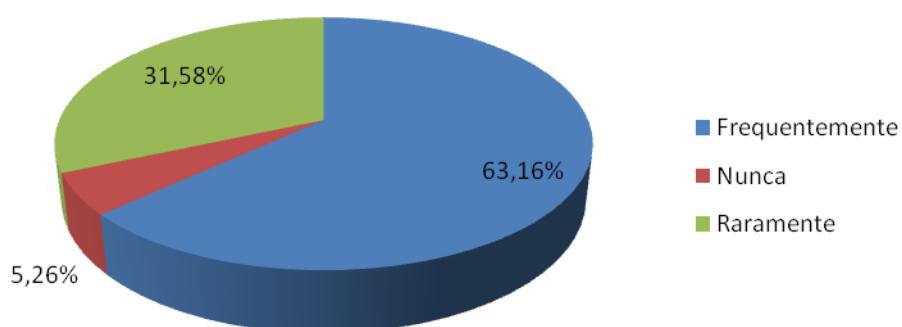
2 - O relato desportivo deve ser:



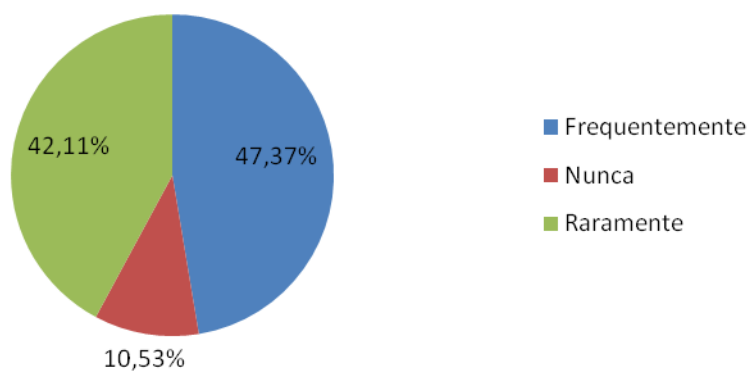
3 - A classificação do "relato desportivo" ...



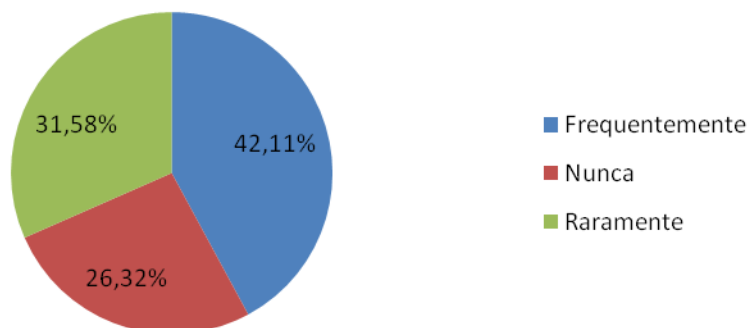
4 - Durante o jogo, o relator emite a sua opinião:



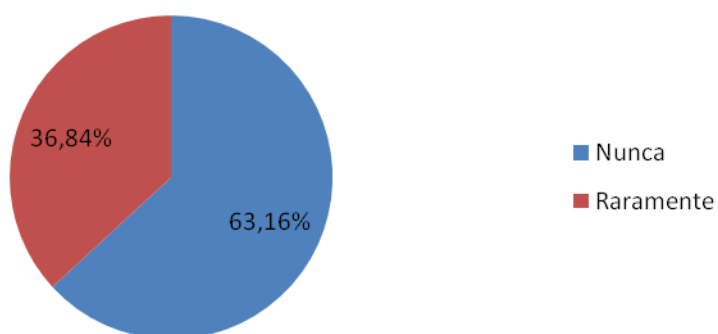
5 - Durante o jogo, o relator deve emitir a sua opinião:



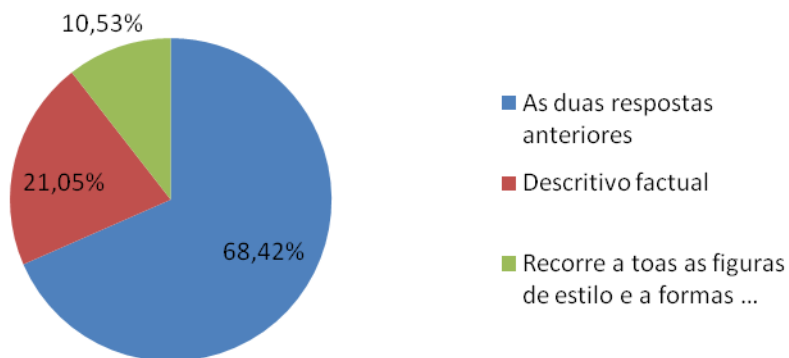
6 - A tarefa do relator confunde-se com a do comentador?



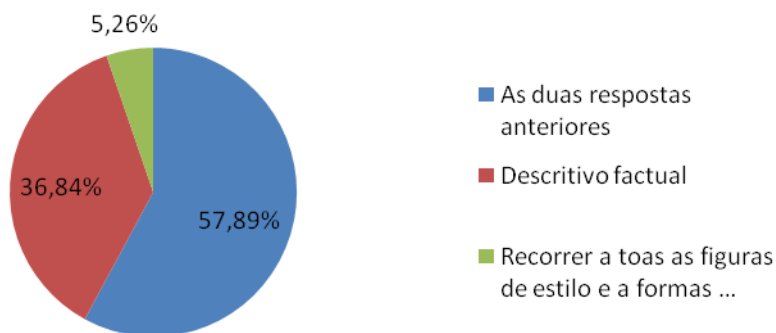
7 - A tarefa do relator deve confundir-se com a do comentador?



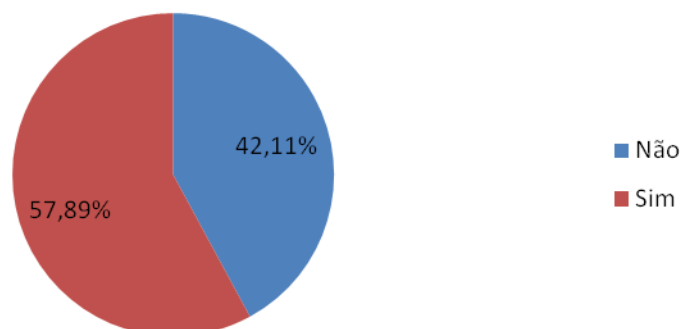
8 - O relato é descritivo factual ou recorre a todas as figuras de estilo (hipérboles, adjetivos, metáforas) e formas de entretenimento (Canções, musica, etc.)?



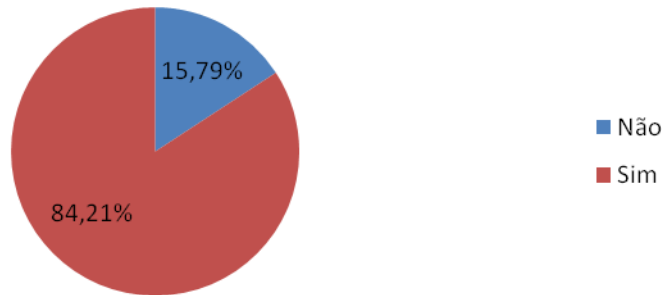
9 - O relato deve ser descritivo, factual ou recorrer a todas as figuras de estilo (hipérboles, adjetivos, metáforas) e formas de entretenimento (Canções, musica, etc.)?



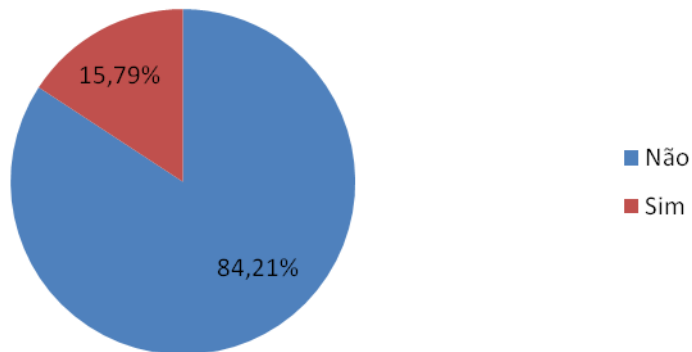
10 - Um relator tem obrigatoriamente de ser um jornalista (considerando que um jornalista é aquele que é portador de uma carteira profissional)?



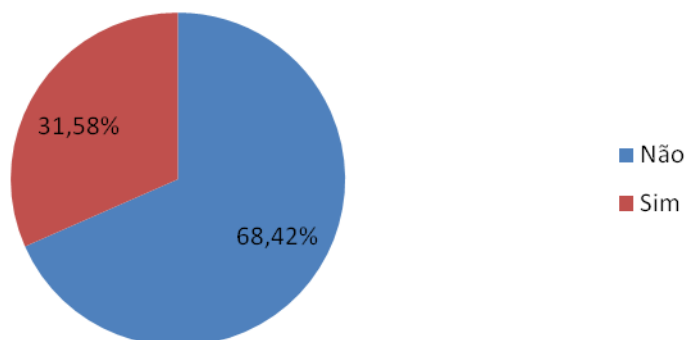
11 - Um relator deve reger-se pelas normas do código deontológico do jornalista?



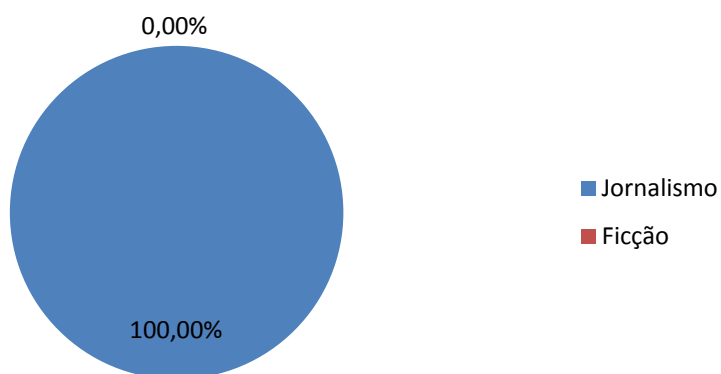
12 - Deveria o relator ter um código deontológico próprio?



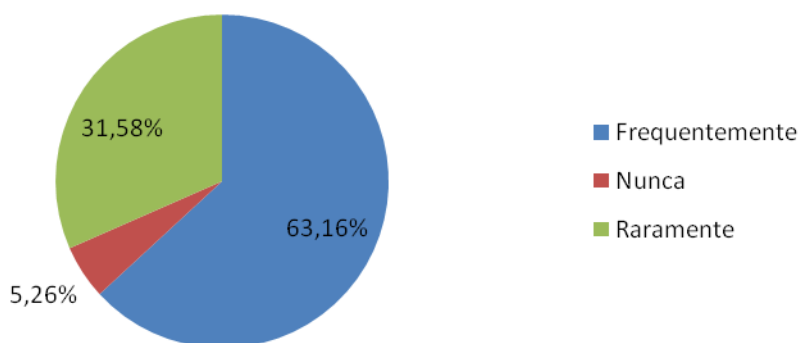
13 - O relator deve assumir a preferência clubística?



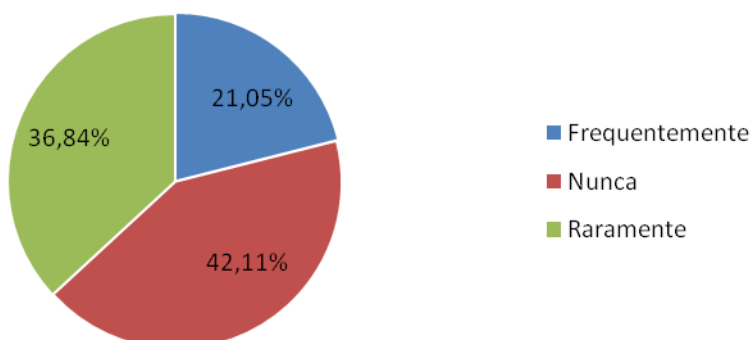
14 - Um relato emotivo é jornalismo ou ficção?



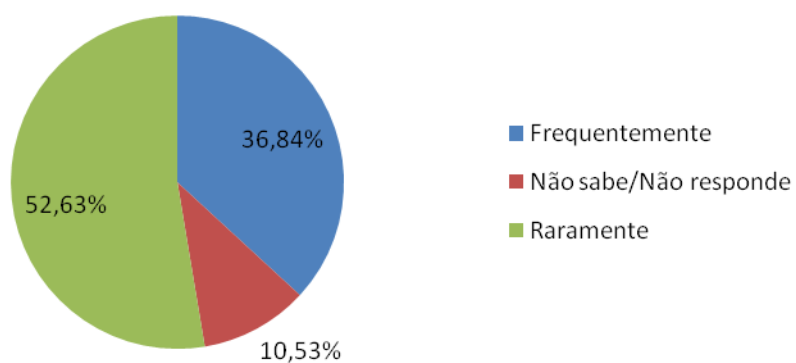
15 - Os relatores recorrem ao sensacionalismo?



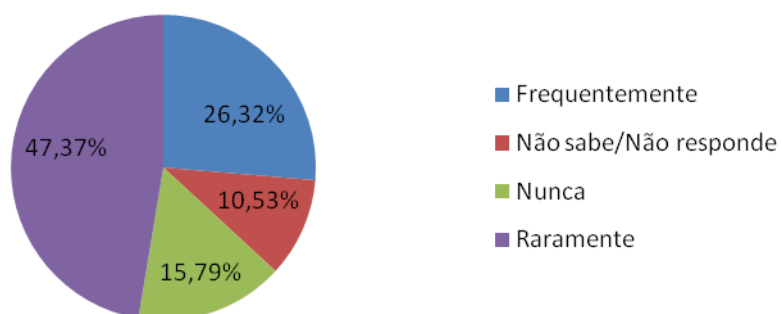
16 - Os relatores devem recorrer ao sensacionalismo?



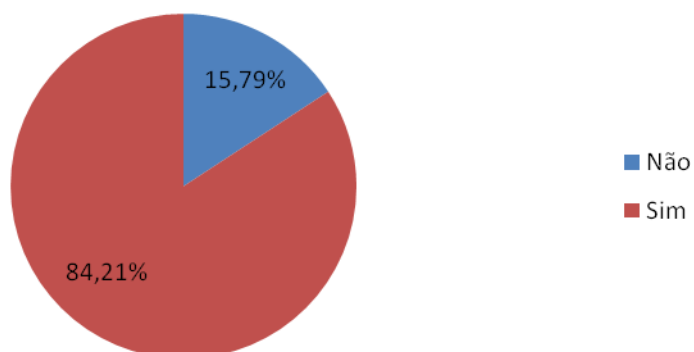
17 - Os relatores sofrem pressões externas ao jornalismo (Federação, Liga, Clubes...)?



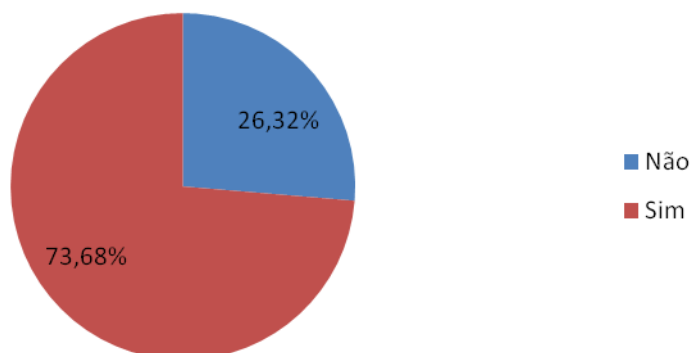
18 - Os relatores são influenciados por pressões externas ao jornalismo (Federação, Liga, Clubes...)?



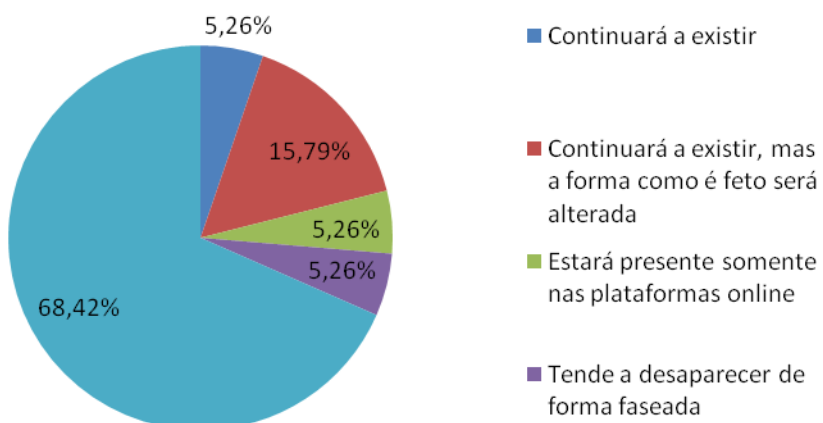
19 - O relato desportivo é uma narrativa de autor?



20 - O relato desportivo deve ser uma narrativa de autor?



21 - Qual o futuro do relato desportivo?



Anexo 4

Grelha da Entrevista



Anexo 5

Transcrição das entrevistas

Entrevista Alexandre Afonso – Antena 1

Entrevistador: João Nunes

Entrevistado: Alexandre Afonso

JN: O relato desportivo é considerado jornalismo?

AA: Eu acho que é jornalismo.

JN: Mas tem também entretenimento?

AA: Eu acho que não. Depois depende de cada um e do estilo que cada um adota para fazer uma narração. Para mim a narração não tem entretenimento. Admito que há colegas que o façam mas eu não faço, tento não fazer. Porque é que eu digo que é jornalismo? Porque acaba por ser uma narrativa de onde a bola está. Nós estamos a dar a informação às pessoas de onde a bola está. A bola está à esquerda, está à direita, está no meio campo... Se estamos a dizer que está num meio campo, não está no outro. E não acho que seja entretenimento. Mas também admito a questão, porque estamos num país um bocadinho futebolizado, onde as pessoas levam o futebol à paixão, à paixão exacerbada, à loucura quase e depois cada um tem o seu estilo. Eu, por exemplo, tenho uma frase que digo sempre a seguir ao golo que é: "já lá mora", como outros têm o "está lá dentro", como outros tinham o "já está". São coisas que identificam o relator. Há outro colega que canta, eu sou contra isso. Não gosto.

JN: Mas cantar é jornalismo?

AA: Isso não é jornalismo. Para mim cantar já sai do jornalismo.

JN: Então isso será relato com entretenimento?

AA: Sim. Já aceito que seja. Eu acho que o relato deve ser uma pura descrição do que estamos a ver. Fazer um relato de futebol pode ser visto como fazer o relato da chegada do papa a Portugal. É um relato. "Sai do avião, pisa a passadeira...", é uma descrição. Por exemplo, uma manifestação, uma reportagem sobre uma manifestação, também pode ser um relato. Portanto, é jornalismo. Se é jornalismo relatar uma manifestação ou a chegada do papa, o relatar um jogo de futebol, é um facto, aquilo está mesmo a acontecer. Entretenimento era idealizarmos um jogo de futebol e pormo-nos ali ao microfone a imaginar um jogo que não estivesse a existir e dar isso às pessoas. Nós estamos a narrar, a reportar uma coisa que está a acontecer. Ora, se está a acontecer, para mim não é entretenimento.

JN: E se tivesse que enquadrar o relato num só género jornalístico? Ou acredita que o relato em si é um género jornalístico?

AA: É um género jornalístico com outros dentro.

JN: Portanto, não podemos caracterizar o relato desportivo dentro de um outro género jornalístico? Ou é o relato, ele próprio, um género jornalístico?

AA: Eu acho que sim. Volto à manifestação: uma reportagem de uma manifestação é um acontecimento. O jogo de futebol para mim é um acontecimento. Eu costumo dizer que o futebol é a coisa mais importante das coisas menos importantes da vida. O futebol é muito importante para as pessoas. Em Portugal, o futebol é importante para as pessoas. Basta ver as audiências de televisão, os programas mais vistos são os jogos de futebol. Se isso é certo ou errado, não nos interessa fazer juízos de valor. O que é certo, é que é um facto. Se olharmos para as audiências em Portugal, as coisas mais vistas são os jogos de futebol. Há um interesse pelo jogo de futebol. Televisado, radiodifundido, no consumo da imprensa escrita, no consumo da internet. Se formos ver na internet, as notícias que têm um maior número de visitas, de *clicks*, são muitas delas de futebol. Agora, se calhar, até pode ser mais sobre a crise, mas se o país não estivesse a atravessar a fase que está a atravessar, eram as notícias de futebol.

JN: E do relato desportivo, fazem parte todos os intervenientes na emissão ou só o relator?

AA: Todos fazem parte do relato desportivo. Por exemplo, a chegada de uma etapa da volta a Portugal em bicicleta: tem um narrador a acompanhar os 50 metros finais e depois pode ter um repórter a seguir para ouvir o camisola amarela ou o vencedor da etapa. Está a fazer reportagem e o relato de um acontecimento.

JN: E em relação ao papel do relator? Ele não entra por vezes no campo do comentador?

AA: Eu defendo que não deve nunca entrar mas é muito difícil, numa hora e meia, uma pessoa que está a fazer a narração das jogadas, não dar opinião. Ninguém pode dizer que não dá opinião. Deveria dizer "atirou para fora" mas no momento diz "apanhou mal a bola". Já está a dar opinião. Mas isso é normal. Portanto, numa hora e meia, na descrição de tanta coisa, de tudo o que acontece, das decisões que são tomadas pelos jogadores, pela equipa de arbitragem, são centenas e é muito difícil, para quem está a narrar esse acontecimento, não dizer "não foi rápido o suficiente para chegar àquela bola". Será isto, dizer que tinha que chegar mais rápido, dar opinião? Se calhar o jogador não podia, foi ao limite. E nós cá em cima, estamos a dizer que devia ter sido mais rápido.

JN: E às vezes o narrador a introduzir o comentador, acaba por opinar...

AA: Condiciona-o. Eu sou adepto e defensor de que o narrador deve fazer assim: "20 minutos, 0-0, que jogo estamos a ver, Joaquim Rita?" ou "Porque é que a equipa A está a ganhar à equipa B?".

JN: E se dissermos "com 20 minutos, o Sporting está a dominar, está a atacar mais e está claramente a merecer ganhar"?

AA: Aí já estão a entrar no campo do comentador. Tenho que dizer "20 minutos, o Sporting vence por 1-0, golo de Cedric aos 14 minutos", se não o fizer, estou a condicioná-lo. O comentador pode

achar que o Sporting marcou com sorte e que a outra equipa está a jogar melhor e a dominar. O meu conceito de domínio pode ser diferente do dele. Para isso é que existe o comentador, senão ia para lá só o relator. Ia para lá, relatava, comentava e fazia tudo.

JN: Já que está a falar nisso, como é que entende o facto de um relator ir sozinho para um campo? Como, por exemplo, na tarde desportiva?

AA: Isso aí é uma obrigatoriedade mas não devia ser assim. Não é possível, não é exequível todos os jogos terem um relator e um comentador. Nesse caso, o relator acaba por fazer as duas funções. Num jogo grande, terá que forçosamente haver sempre comentador. Num jogo de menor dimensão, a realidade da tarde desportiva, e para as equipas que fazemos... deveria ser sempre um comentador, deveria. Mas não há possibilidade.

JN: E quando um relator recorre às hipérboles? Quando diz "chutou para fora do estádio", isso não desvirtua a narração?

AA: Sim. Isso já são muletas que o próprio relator pode ter mas, se calhar, às vezes, não havendo a imagem televisiva, nós temos que encontrar expressões para que as pessoas consigam imaginar. Por exemplo, eu digo "saltou, cabeceou e a bola foi para fora". Se eu lhe der mais uma imagenzinha, e disser que "o jogador colocou os pés quase à cabeça do jogador B", a pessoa que está a ouvir pensa "ele foi mesmo lá acima". Às vezes é mais um reforço para valorizar, para que a pessoa consiga visionar o que, de facto, não está a ver. Mas não acho que isso seja uma coisa de entretenimento, é mais um reforço da descrição. São de evitar, mas às vezes... se eu disse "o jogador X conseguiu sair de uma cabine telefónica", isto para quem não percebe de futebol, até baralha. Mas para quem está ligado ao fenómeno desportivo, sabe que o jogador tinha muito pouco espaço. É mais uma imagem para ajudar a descrever.

JN: E deve o relator ser um jornalista?

AA: Eu acho que sim.

JN: E como é que olha para o fenómeno das rádios locais, onde relatam pessoas que não são jornalistas?

AA: Discordo completamente. Não deveria ser assim. Eu também comecei numa rádio local, tenho o máximo respeito às rádios locais. Quando comecei, também não tinha carteira de jornalista.

JN: E não se está a criticar um pouco a si próprio?

AA: Claro, mas não deveria ter sido assim. Quando as rádios locais emergiram, na década de 80, até antes, houve a possibilidade de muitas vozes conseguirem chegar a rádios nacionais.

JN: Mas não continua a ser um pouco esse o caminho?

AA: Sim, mas eu discordo. Qualquer pessoa faz um relato de futebol e não devia ser assim. Devia haver uma preparação para tal. Eu discordo, por exemplo, até aqui, no caso da *Antena 1*, de alguns colaboradores que fazem, de 2^a a 6^a, uma coisa completamente diferente e depois aparecem ao

microfone a falar de futebol ao fim de semana. Isto é demasiado sério, não é importante, mas é demasiado sério, porque choca com a paixão das pessoas pelo futebol e às vezes, uma pessoa que tenha outra profissão, não tem a mesma capacidade. Ou então é um enorme profissional que todos os dias lê sobre as equipas, vê as novidades, os lesionados, como é que foi a preparação, o que disseram os treinadores, o que disse o adversário. Uma pessoa que não faça isto, regra geral, não vai preparada, porque não teve durante a semana uma atenção para o jogo em causa, que vai narrar.

JN: E deveria o relator ter um código deontológico diferente dos outros jornalistas?

AA: Não. É um jornalista, é um jornalista. Se dissesse que sim, iria contrariar a minha opinião inicial.

JN: E em relação ao assumir a preferência clubística?

AA: Eu acho que não tem que assumir. Eu por acaso já assumi a minha publicamente, num programa de televisão e numa revista. Mas não acho que isso acrescenta o que quer que seja para o ouvinte. Pode ser prejudicial para aqueles ouvintes que não são do clube de que o relator é e é benéfico porque, se eu disser que sou de determinado clube, os adeptos vão pensar "ele é do nosso clube" e passamos a ser vistos, não como devemos ser vistos, mas porque é do clube x ou y. O relator tem que ser visto que está ali para narrar o acontecimento, para relatar com isenção, com imparcialidade, com total desprendimento, com total afastamento dos clubes. Está ali a executar um trabalho. Um apresentador de telejornal também não diz se é do PS ou do PSD. Ele dá notícias do PS e do PSD, favoráveis ao PS ou desfavoráveis ao PS e não é por isso que revela a sua cor partidária. Ora, se os jornalistas não assumem a sua filiação partidária, ou a sua opção política, se é que têm, porque é que o relator há de assumir a sua preferência clubística? Agora, também discordo daqueles que dizem que não têm clube. Todos têm clube, os árbitros também têm clube, os jogadores também têm clube e jogam num clube e são de outro e o relator, estando no fenómeno do futebol, também tem clube, obviamente. Todos têm. Agora qual é a necessidade de dizer ao microfone que eu sou do Sporting ou do Benfica? O que é que isso acrescenta? Não acrescenta nada. Portanto eu acho que não deve assumir.

JN: E em relação à questão das pressões externas? Já sofreu pressões externas?

AA: Já... Algumas vezes.

JN: Que tipo de pressões?

AA: Telefonemas, mensagens durante o jogo porque disse determinada coisa que aquele agente desportivo, seja ele árbitro, presidente ou diretor, não gostou. Eu quero acreditar que ninguém se sujeita a pressões de um presidente de um clube, ou uma ameaça ou qualquer coisa. Não acredito nisso. Não vamos mudar a nossa opinião, ou o nosso trabalho, ou estar preocupados em satisfazer alguém. Agora, se calhar acontece.

JN: E o futuro do relato desportivo?

AA: Eu acredito que vai continuar nos moldes em que está. Em Portugal, vai continuar a ser assim. Estamos aqui a olhar para milhares de prédios, nestes milhares de prédios devem haver centenas de estabelecimentos e, se agora, tivéssemos uma capacidade de detetar as conversas que estão a ocorrer nesse sítios, em muitos deles, está a falar-se de futebol. Ou seja, em Portugal, há consumo. Porque é que a televisão não dá *Cricket*? Porque não se consome. Portanto, o relato vai continuar. As pessoas gostam de futebol.

JN: Mas com a televisão, porque é que as pessoas vão continuar a ouvir o relato ou a tirar o som à televisão e a ouvir o relato?

AA: Porque nem sempre dá para ver televisão. Nem todas as pessoas veem televisão. Há milhares de pessoas nos carros, a viajar. Portanto, a informação desportiva, o relato desportivo, tudo o que envolve o desporto, vai continuar. Tende até a ser mais e mais. Há público, há cliente, há mercado para uma rádio só de desporto, que dê os relatos todos. E uma pessoa pode estar em casa e sabe que no jogo da segunda liga, a uma 2ª feira, aquela rádio está lá. Se houvesse uma rádio que desse todos os jogos, tinha audiência. Basta veres o caso de Espanha - rádio *Marca* só dá desporto.

JN: Mas, por exemplo, a *Rádio Renascença*, deixou de ter a tarde desportiva e este ano não deu alguns jogos da taça...

AA: Isso são opções de pessoas que provavelmente terão outros estudos que eu não tenho. O certo é que a *Rádio Renascença*, ao optar por isso, baixou a sua audiência. É público, as audiências são públicas. A *Rádio Renascença*, tem vindo a baixar as audiências. Portanto, não foram estas mudanças, de retirar o futebol, que estão a dar mais audiências. Não está provado que a *Renascença*, ao deixar de dar um jogo da taça de Portugal, tem mais ouvintes àquela hora, do que se estivesse a dar o jogo. Não está provado.

JN: E em relação, por exemplo, à tarde desportiva? Tem vindo a perder ou a ganhar ouvintes?

AA: A ganhar.

JN: Isso será uma prova de que o relato não vai acabar?

AA: Exatamente. Um dos programas mais ouvidos da *Antena 1* é a tarde desportiva de domingo. Não temos concorrência, portanto, todo o amante do desporto, domingo à tarde, está a ouvir. Imagina as centenas de atletas que andam de um lado para o outro no país, de carrinhas, de autocarros, equipas de hóquei em patins, de andebol, basquetebol, equipas de futebol de escalões secundários. Essas pessoas chegam aos autocarros ou chegam aos carros particulares e querem saber mais. Querem saber como ficaram os jogos de outros clubes e vão à procura. Claro que não é toda a gente, mas é uma grande percentagem. Mesmo as pessoas que estão nos campos, estão a ouvir como é que está o outro jogo porque lhes interessa, por qualquer motivo. Tanta gente gosta de futebol, vê-se pela tiragem dos jornais. A *Bola* e o *Record*, têm mais tiragem que o *Diário de Notícias*.

Entrevista Gonçalo Ventura – Antena 1

Entrevistador: João Nunes

Entrevistado: Gonçalo Ventura

JN: O que   que entende por relato desportivo?

GV: É um género jornalístico onde cabem todos os g neros jornalísticos. Tem muita descrição, tem muita opinião, tem entrevista. Porque o relato desportivo não se baseia só na pessoa que faz o relato mas também em toda a equipa que envolve o relato.

JN: Considera, portanto, que o relato desportivo   toda a emissão desportiva e não só o relato do narrador...

GV: Exatamente. Do relato desportivo fazem parte: o narrador, o repórter, o comentador, o coordenador. Todos eles participam ativamente e influem no ritmo, na qualidade e na forma como se faz o relato. Padronizaram-se alguns g neros jornalísticos, como a reportagem, a entrevista, a cr nica, mas nunca se falou do relato... O relato é um género jornalístico. Muito peculiar mas é um género jornalístico onde cabem todos os g neros jornalísticos.

JN: Mas dentro do relato desportivo, qual é o género que está mais presente?

GV: Descrição, uma descrição exaustiva, por isso é que se chama relato. Dentro do relato, dentro deste género jornalístico, cabem vários...   uma descrição exaustiva, minuciosa, pormenorizada e rápida de um acontecimento.

JN: Mas também   notícia?

GV: É. A notícia é o bolo final. Do relato sai uma notícia.  s vezes só sai uma notícia, que   o resultado, mas muitas vezes sai muito mais do que uma notícia. Se um jogador for expulso, se um treinador for expulso do banco.

JN: Quando um narrador está a relatar tende, muitas vezes, a emitir a sua opinião. Se formos olhar para o lado mais teórico, diríamos que o relator narra o que vê, o repórter complementa a intervenção do relator com uma informação mais pormenorizada e o comentador explica o porquê.

GV: O relator está sempre a dar opinião, sempre. Porque diz: "passe para a direita, muito bem feito o passe". Quando diz isto já está a emitir opinião, já está a qualificar o passe. Portanto, já está a dar opinião. Mas a opinião do relator deve reduzir-se quase a isto... a adjetivar alguma coisa. Porque se o passe é bem feito, eu tenho que dizer que o passe é bem feito. Se o golo é bonito, eu tenho que dizer que o golo é bonito. Se a equipa está a jogar bem, eu devo dizer que a equipa está a jogar bem. Se o espetáculo é bom, eu tenho que dizer que o espetáculo é bom. Se o espetáculo é fraco, eu tenho que dizer que o espetáculo é fraco. Mas, na questão técnica, o relator não deve condicionar o comentador. "Joaquim Rita: o Sporting está a jogar muito bem e Rinaudo está a ser o melhor em campo", ao dizer isto, o relator já está a condicionar o comentador. Estás a dar a tua opinião e a condicionar a do comentador.

JN: Então qual é o limbo?

GV: O limbo é este: questões técnico-táticas, de análise mais pormenorizada, têm que ficar sempre para o comentador. Eu acho que a opinião mais pormenorizada, mais detalhada, deve ficar sempre para o comentador... separar as águas. O jornalista limita-se a descrever o que vê, com adjetivos, tem de o fazer, porque um relato sem adjetivos, sem qualificar o que está a ver, não existe. Mas a opinião mais detalhada, mais pormenorizada, mais técnica, tem que ficar ao cuidado do comentador.

JN: E o repórter?

GV: O repórter não tem que dar opinião. Também adjetiva, porque está dentro da equipa. O futebol é emoção, tem um quê de arte e, como tudo nas artes e no espetáculo, não transformando o relato num espetáculo, acaba por sê-lo, pelos grandes artistas que temos em Portugal a fazê-lo: os grandes jornalistas que fazem relato. Mas o relato não deixa de ser uma descrição factual do que se está passar.

JN: Então o relato não é, também, entretenimento?

GV: Eu acho que o relato pode entreter. Mas nunca pode ser entretenimento. O relato pode entreter pela qualidade que tem. A hipérbole utiliza-se, sim, a metáfora, isso tudo bem. Estamos a estilizar a coisa. Mas o relato não é entretenimento, não é cantiga, não é gritaria, não são as muletas que se arranjam. Isso é para o departamento de programas da Antena 1 ou da RTP. Para nós é: relatar, descrever e o comentador opina. Nós estamos lá para relatar e descrever... dar um bom produto às pessoas e um bom produto dentro do futebol. As pessoas vivem o futebol com arte e emoção, e o futebol é só isso, é emoção. Nós também temos que estar dentro dela. Agora, fazendo o nosso papel de jornalistas.

JN: Então acredita que a função de relator se confunde muitas vezes com a de comentador?

GV: Há relatores que, muitas vezes sem saber o que estão a dizer, o fazem. Não o devem fazer. Devem passar a bola ao comentador. Infelizmente, há alguns que o fazem mas há outros que são fantásticos e não o fazem.

JN: É contra o facto de um relator não ser jornalista?

GV: Sou, completamente. Porque tem que ser um jornalista a fazê-lo. Vamos ter, com todo o respeito, um comediante a fazer um relato de futebol? Não. Porque nós estamos a contar a verdade e para contar a verdade e apurar factos, para descrever, somos nós, os jornalistas, que temos formação para isso. Por isso é que eu não sou talhante ou vendedor de automóveis, porque não sei ser. Sou jornalista, tenho uma carteira profissional. Eu não posso estar de manhã, como acontece na televisão e como também já aconteceu na rádio, a apresentar um programa da manhã, que faz publicidade ao MEO e à noite fazer um jogo de futebol. Não pode. Porque há interesses que são feridos e até deontológicos. Não sendo ele jornalista, vale tudo. Agora, não pode. Nós não podemos fazer menção a marcas, bens ou serviços e há pessoas que o fazem e houve relatores que o fizeram e houve relatores sem carteira profissional durante muitos anos.

JN: Mas aqui há 30 ou 40 anos atrás, havia muitos relatores que tinham profissões que nada tinham a ver com o jornalismo...

GV: Mas os tempos mudaram. Tu hoje em dia para trabalhares na área do jornalismo tens que ter carteira profissional. É obrigatório. As empresas têm que ter pessoas com carteira profissional. A escola brasileira é totalmente diferente da portuguesa. No Brasil tudo é permitido, eles fazem publicidade no meio do relato. A escola africana tem muita influência nos relatores portugueses. Uns já desapareceram, outros continuam. Vinham de África, com a linguagem de lá, com os hábitos de lá. Alguns fizeram uma escola gira, outros nem por isso. O relato português é um relato mais europeu, mais cuidado, mais jornalístico, ou jornalístico apenas e só, que tem uma influência, se calhar, da BBC. Houve pessoas que fizeram formação na BBC, que trouxeram para cá esse hábito do relato. O relato é uma coisa que vem de Inglaterra e é um produto jornalístico. Noutros países não é visto como tal.

JN: Então e quando vai só um jornalista para o estádio? Como é que um jornalista nessa situação é ao mesmo tempo relator e comentador?

GV: Tem que ser factual. O jornalista pode dar opinião. Tem é de demarcar-se, tem que dizer que está a dar a sua opinião.

JN: Mas na tarde desportiva ele não é relator e comentador?

GV: É jornalista, comentador e repórter. É mesmo assim, em tudo o que fazemos damos opinião. Mesmo que pensemos que não estamos a dar opinião estamos a dar.

JN: Então e quando vamos para um estádio com uma equipa constituída por comentador, narrador e repórter?

GV: Esse é o verdadeiro relato. A tarde desportiva é outra coisa, é informação. Mas a descrição tem sempre opinião. São os teus olhos. Se formos à mesma conferência, ou se formos cobrir um acontecimento, tu pegas de uma maneira e eu pego de outra, nunca é igual. Isso já tem incluída a opinião, porque são os teus olhos.

JN: Mas o relator não viola, algumas vezes, o código deontológico?

GV: Os piores relatores violam. Mas em quê? Quando não estão preparados para falar de determinados assuntos e falam abertamente sobre eles. Acontece tanto. Impreparação. Às vezes impreparados falam do que não devem e às vezes estão a mexer com a vida das pessoas. Nós estamos sempre a falar para massas, para muita gente, estamos a influenciar, com a nossa opinião, ou com aquilo que dizemos, estamos a influenciar muita gente. Ao estarmos a influenciar muita gente, estamos a mexer com a vida da pessoa de quem estamos a falar. Quando nós dizemos, às vezes de forma leve, "este jogador não vale nada" ou "este treinador não percebe nada disto", estamos a mexer com ele e com a família.

JN: E aí estamos a violar o código deontológico?

GV: Estamos. A impreparação é uma violação do código deontológico, como fazer publicidade ou quem, a meio do relato, recebe mensagens dos clubes a influenciar a descrição, a narração, a opinião. Depois há quem se deixe influenciar e quem não se deixe influenciar.

JN: E em relação às músicas?

GV: Não é relato.

JN: Mas isso viola as normas?

GV: Viola. Na minha opinião viola as regras do código.

JN: Porquê?

GV: É espetáculo. É *info entertainment*.

JN: Mas não está bem separada a narração da cantiga?

GV: Não. Acho que aquilo é espetáculo. Mas é espetáculo que passa para além do espetáculo da narração. O que é que faz um cantor? Que papel é que tem? É um artista. Um jornalista não é um artista. Antigamente consideravam-nos artistas. A categoria era: jornalistas, repórteres e artistas, quando se passava um recibo verde. Mas não, nós não somos artistas. Nós estamos ali para descrever, para contar, para mostrar, somos os olhos das pessoas, somos os olhos de quem não está a ver. Onde é que a canção entra nisso? Não sei, não tenho resposta para isso. Mas não concordo, acho que é um abuso. De vez em quando, num jogo grande, numa final Europeia, num campeonato da Europa, no campeonato do mundo, um golo de Portugal. Um golo de Portugal é consensual. Aí dou de barato. Agora, um golo do Porto, um golo do Benfica, do Sporting, do Braga, ser cantado, ter uma canção? É puro sensacionalismo.

JN: Acha que os relatores ficcionam ou são sensacionalistas?

GV: Sim...

JN: Acha que muitas das vezes um jornalista se entusiasma demais?

GV: Com as figuras de estilo, a hipérbole, ou a metáfora, está a ficcionar um bocado. Faz parte, não em exagero.

JN: Mas um relato tem sempre que ser emotivo?

GV: É sempre, tem que ser. Tem que ser porque estás a falar de um espetáculo emotivo. É a emoção das pessoas, o coração das pessoas.

JN: Mas isso não vai contra o jornalismo?

GV: Não. Porque se tu o fizeres baseado em factos, dizendo a verdade, se tiveres uma narração quase espelhar daquilo que estás a ver, não tem problema nenhum, podes usar a hipérbole. Se o remate é muito mau e dizes "atirou a bola quase para o campo grande", onde é que tu aqui estás a fugir ao código deontológico? É uma hipérbole, estás a dizer que o remate foi tão mau que quase saiu do estádio, não tem mal nenhum.

JN: Em relação às pressões externas, isso existe...

GV: Existe, existe. Há uns que se deixam influenciar, outros que não. Há quem tenha medo. Uma simples mensagem escrita a meio do jogo "olha que não é penalti", ou "olha que é penalti", há quem se deixe influenciar por isso e há quem não se deixe influenciar e mantenha a opinião firme até ao fim. Porque é a correta. Se nós errarmos e tivermos que corrigir também o devemos fazer. O essencial é a verdade sempre. É como tudo na vida, isto é contar a verdade. O relato é contar a verdade.

JN: E em relação a revelar a preferência clubística?

GV: Tanto se me dá como se me deu. Quem quiser assumir que assumo e assumo as responsabilidades disso. Eu hei de assumir daqui a uns tempos. Há muita gente que já sabe, nunca escondi.

JN: Se um ouvinte vier ter consigo e perguntar de que clube é...

GV: Se me apetecer dizer digo-lhe, se não me apetecer dizer, não digo. Eu também me posso virar para ele e perguntar: "e você é de que partido?" e ele diz-me "não lhe vou dizer" e eu digo "então pronto, também não digo". Isso depende de cada um. Eu se assumir a minha filiação partidária ou o meu clube, desde que continue a ser intelectualmente honesto, qual é o problema de assumir?

JN: Mas há relatores que deixam transparecer a sua cor clubística e que influenciam o seu relato por causa disso?

GV: É uma pergunta muito difícil... Acho que sim. Mas os bons, mesmo que isso passe, tentam que não passe porque estão a fazer as coisas bem. Mesmo com os clubes deles, tentam fazer as coisas bem. A verdade, mais uma vez, a vir ao de cima.

JN: Acredita que o relato é uma narrativa de autor?

GV: Sim. Porque cada um tem um estilo próprio. Não há dois iguais. Há uns que tentam imitar os outros. É uma narrativa de autor.

JN: Então o jogo que um relator vê pode ser visto de maneira diferente por outro relator?

GV: Sim. Isso é como uma peça. Eu vejo a peça de uma maneira diferente de ti. Eu vejo um determinado acontecimento e não precisa de ser um jogo de futebol, por exemplo, um acidente de avião, com um olhar e tu com outro. O relato varia de pessoa para pessoa porque é um género jornalístico muito específico que está ao alcance de poucos, de muito poucos... Predestinados. Há muita gente a fazer mas só há três ou quatro bons.

JN: Então o relato é arte, jornalismo ou entretenimento?

GV: É arte de fazer bom jornalismo. Uma descrição longa, pormenorizada, exaustiva de um acontecimento. Mas é uma arte. Por isso é que disse, o relato é um género jornalístico muito específico, que engloba muitos géneros jornalísticos: tem entrevista, tem descrição, tem reportagem, tem tudo lá dentro... Tem opinião. E é uma arte. Porque uma coisa é descrever um acontecimento como a chegada do Papa "o Papa começa a descer as escadas, sapatos pretos...",

isto é uma coisa, outra coisa é "bola na esquerda, com perigo, aí vai o Sporting, cruzamento, bola na grande área, goloooooooo". Isto é arte. É a capacidade de, em muito poucos segundos, dizer muitas palavras com sentido. Mas não deixas de estar a descrever o momento. É jornalismo. Pessoas que falam rápido e bem e que conseguem transmitir a mensagem de forma clara para o público. Eu também posso ir fazer um relato e falar durante uma hora e meia. Podem é não me perceber, não sabem onde está a bola, não tenho uma boa dicção. Relatar é contar uma história, tu és os olhos das pessoas. Isto é para predestinados.

JN: O relato, e não esquecendo esta era do jornalismo espetáculo, e a crise por que a rádio está a passar, tende a ser mais sensacionalista do que realmente é?

GV: Tu já respondeste. O que é que é fazer uma notícia para um jornal? Tem que ter um título apelativo. Tem que ser apelativo para as pessoas a lerem. O que é que o título tem? O principal da notícia.

JN: E não acredita que se comece a relatar com mais espetáculo?

GV: Já começaram a cantar. Eu continuo a acreditar na competência e se as coisas forem feitas com competência, o relato vai continuar a ser ouvido, tal como era há 50 anos. É óbvio que o relato vai continuar, vai perdurar, apesar das novas plataformas, como o iPad, o iPod, através dos quais é possível ver televisão em todo o lado, mas aí também é possível escutar rádio. O relato da rádio continua a ser imprescindível, até porque se acabarem com o relato da rádio, o futebol perde um bocadinho do jeito e do trejeito dele. Cada vez que se fala em futebol, as pessoas imaginam a pessoa que está ali com o microfone à frente. O que as novas tecnologias vão obrigar é que o relato se adapte a elas. E como é que isso se faz? Não sei! Mas vamos começar a utilizar mais internet no relato. Onde é que o advento da internet vai parar? Ninguém sabe. O que é que isto nos pode trazer? Não sei. Alguma vez dirias que se podia escrever uma carta sem fios, sem ser no papel? Acho que o relato também vai ter que se adaptar. Não sei como, mas vai perdurar.

JN: Os brasileiros têm muita mania de ter o Facebook aberto e perguntar de onde é que os ouvintes os escutam...

GV: Acho muito bem. É interação com o ouvinte. É pôr o ouvinte a falar na rádio. Nós próprios, aqui, estamos a tratar disso. Acho que é muito importante para o relato e para tudo. É interação. É a forma de a pessoa participar na rádio, de se ouvir, de ouvir o nome, de ter opinião também.

Entrevista José Nunes – Antena 1

Entrevistador: João Miguel Nunes

Entrevistado: José Nunes

JMN: Durante um relato um narrador deve emitir a sua opinião?

JN: Eu acho que o relator pode emitir a sua opinião desde que não condicione a opinião do comentador e também desde que não o faça muitas vezes. Acho que é perfeitamente aceitável, acho que o narrador não é uma figura acrítica na reportagem desportiva, para já porque normalmente é uma pessoa que também sabe de futebol, senão não era narrador. Principalmente se falarmos das principais rádios. Portanto, eu acho que é possível dar uma opinião desde que:

ponto 1: não tente condicionar, não quer dizer que o consiga, às vezes as perguntas são quase dirigidas, mas o comentador também sabe como há de responder

ponto 2: que não o faça sistematicamente

Agora, com certeza que deve, na minha opinião, dar também a sua leitura do jogo, eu acho que sim.

JMN: Mas não acredita que às vezes o comentador se pode confundir com o relator?

JN: Poderá haver casos específicos em que isso suceda, mas na minha opinião, não são situações assim tão vulgares e frequentes. Continuo a dizer que é difícil não ultrapassar a fronteira. É verdade que o comentador não entra na área do narrador. O comentador não começa a dizer pontapé de canto, falta, remate, atira Mas eu acho que qualquer narrador transmite também sempre a sua leitura do jogo, até porque muitas vezes, o narrador está sozinho também e às vezes, por ex: nas nossas tardes desportivas, até é o próprio pivô que pede ao narrador uma leitura do jogo. Eu francamente, não me choca nada que o narrador dê a sua leitura do jogo desde que não o faça de 5 em 5 minutos e que não tente condicionar a opinião do comentador. Normalmente é uma pessoa que também sabe ver o jogo e não me choca nada e até acho que enriquece. Eu percebo a questão da fronteira e cada um não faz o que quer, senão não era preciso comentador. Até o próprio repórter pode dizer qualquer coisa do jogo desde que saiba o que está a dizer e que seja comedido e sucinto. Eu acho que isso só enriquece, não acho que tenham de forçosamente existir departamentos completamente estanques. O comentador comenta, o narrador relata e diz que é para a esquerda e para a direita e é golo ... não! A coisa tem de ser completa, a coisa tem de ser global, tem de ser integrada e o próprio repórter lá em baixo pode dizer “a equipa está a forçar mais aqui pelo lado direito ... “ a aproveitar a fragilidade do lateral esquerdo ... Eu acho que isso é bom, para quem está a ouvir, isso é tudo bom. Desde que não haja um manifesto exagero e, principalmente, desde que se saiba o que se está a dizer. Isso é que é fundamental, é aí que as pessoas reconhecem credibilidade, não é ao facto de o narrador estar a entrar na área do comentador. Pode entrar, desde que tenha credibilidade e legitimidade para o fazer. E a nível de rádios nacionais acho que isso existe.

JMN: E onde é que é essa fronteira? Há aí um limbo

JN: Sim. O que gere a fronteira é o bom senso, o profissionalismo, a experiência, a maturidade, o saber estar

JMN: Os cânones dizem que os relatores nunca devem entrar em desacordo com os comentadores

JN: Depende do bom senso. Eu acho que é possível não estar de acordo em relação a um determinado ponto. Aí já é uma situação que entra um bocadinho numa zona conflituosa. Uma das coisas que me ensinaram a dizer em rádio é a nunca dizer a palavra **não** ao colega. Ao dizeres não tens de ter algum cuidado. Por ex., eu já ouvi em rádio alguém estar a dizer alguma coisa, não ser isso que se está a passar e outra pessoa dizer “não, não, não, não foi isso”. Isso soa mal. Há formas de dizer não. Eu continuo a dizer que é uma questão de forma mais do que de conteúdo, e uma questão de bom senso. Agora, o narrador e o comentador não estarem de acordo em relação a um determinado tema, pode acontecer. O exemplo dos penalties: muitas vezes não estamos de acordo. Eu, por acaso, tenho todas as dúvidas nos penalties, até na televisão. Eu acho que são raros os lances de penalty que são completamente claros, cristalinos e transparentes. Há muita manha do jogador que sofre a falta e depois há a questão de como foi o toque. Alguns são evidentes, mas não são muitos. Agora, num estádio, a cem metros, eu não posso ter garantia nenhuma. Quanto à questão de o pivô ser o juiz que sentencia os lances pela televisão, já isso acho que é discutível em relação à função do repórter em campo. Eu acho que essa é uma questão que merece ser alvo de reflexão. Como é que se compatibiliza a função do pivô da emissão, que está em estúdio e a ver pela televisão, em função daquilo que o repórter está a fazer em campo? Porque muitas vezes, se isso também não for bem gerido, dá ideia que o repórter não está a fazer nada em campo. O recurso ao pivô deve ser feito por recurso de quem pede e não por iniciativa do estúdio. É claro que se for uma coisa gritante tem de o dizer. É claro que isso também tem de ser gerido com parcimónia

JMN: O relato desportivo é somente intervenção do narrador, ou de todas as pessoas que participam na emissão: comentador, repórter, coordenador. Todos fazem parte da emissão?

JN: Com certeza. Eu acho que sim. Uma equipa que está a fazer uma emissão num estádio (repórter, narrador, comentador), têm complementaridade, quando têm ritmo, quando estão bem, quando sabem o que estão a dizer. E não devem ter problemas em assumir o erro. Eu assumo o erro, tranquilamente, sem problema nenhum. Eu acho que a veracidade, a genuidade do relato, também passa por aí, por transmitir esse tipo de emoção. Estamos a dizer como estamos a ver, e se tivermos de assumir que errámos, ou que não vimos bem Eu acho que um relato, um direto de um jogo de futebol em rádio, é uma coisa que eu me habituei a ouvir desde pequenino. A rádio tem uma força imensa, imensa. Nem as pessoas da rádio muitas vezes se apercebem, como profissionais, da força que a rádio tem, e tens o exemplo aqui em Espanha, o futebol é uma indústria gigantesca, tens lá muitos dos melhores jogadores do mundo, as televisões andam ali a pagar fortunas colossais pelas transmissões e as rádios proliferam e têm programas e têm diretos, e metem não são quantos helicópteros a fazer a volta à Espanha. O público consome. Desde que o

produto seja bom, o público consome e tu tens montes de gente que vê televisão e rádio em simultâneo. A rádio tem uma função fundamental nos carros, por exemplo. A questão do pós-jogo ou do pré-jogo é algo que está um bocado aniquilado pelas direções de programação das rádios que acham que é prematuro começar a emissão uma ou duas horas antes. O pré-jogo na minha opinião é muito importante. Hoje em dia as televisões, principalmente as por cabo, fazem isso durante a tarde toda e as direções da rádio mataram isso. Eu penso que é a pressão da programação, que tem de ser diversificada. Nós também temos de entender um bocado o lado deles, mas eu não partilho inteiramente da opinião deles. Por exemplo, em relação aos jogos grandes, eu acho que devia haver pré-jogo e bastante antecipado. E a questão do pós-jogo é absolutamente fundamental. Se eu pego no carro e vou ao estádio da Luz, de Alvalade ou ao Dragão, passado 15 minutos do jogo acabar eu não quero ouvir música. Por isso, é que quando a nossa emissão é um bocadinho mais alargada, provavelmente temos muita audiência, porque as pessoas gostam disso. A seguir aos jogos grandes, acho que o pós-jogo é muito importante. Dou-te outro exemplo: na altura do Euro, com a transmissão dos jogos em onda média, eu preferia ir a ouvir um Alemanha-Holanda do que ir a ouvir música e como eu há milhares e milhares de pessoas. Quando estamos no carro e não podemos estar a ver é uma maravilha ouvir o relato. Há mercado para tudo e o mercado do futebol é uma coisa alucinante, nos países do sul da Europa que apreciam muito este desporto. Repara, em Inglaterra, há estádios cheios, mas, tanto quanto eu sei, não há um jornal específico de desporto. No entanto, se fores para Itália, França, Espanha e depois entrares nos outros países da orla mediterrânica, tipo Grécia e Turquia aí é uma loucura total. Portanto eu acho que o jornalismo desportivo e o relato têm um grande futuro.

Entrevista Nuno Matos – Antena 1

Entrevistador: João Nunes

Entrevistado: Nuno Matos

JN: Se tivesse que categorizar o relato desportivo: ele é ou não é jornalismo?

NM: É, é jornalismo, mas, na minha perspetiva o relato desportivo tem várias formas de ser entendido, de ser interpretado e de ser narrado. Pode ser um bocadinho reportagem com entretenimento, não deixa de ser informação, não deixa de ser informativo, porque durante o relato desportivo tu estás a dar muita informação, um manancial de informação, às pessoas. Agora, na minha perspetiva, o relato desportivo também é reportagem com entretenimento, porque hoje em dia a televisão é líder, é o meio que tem os trunfos todos para jogar nos media. A radio está a perder aos pontos para a televisão, como é óbvio, no século XXI. Se tu, no relato desportivo e na rádio, não tiveres um papel criativo, um papel cativante junto das pessoas e, de certa maneira, se não fores competitivo para a televisão, estás a perder.

JN: E como é que consegue ser competitivo? Entretendo as pessoas?

NM: Sabendo comunicar, dar às pessoas aquilo que elas pretendem.

JN: Mas isso pode ser entendido como entretenimento?

NM: Eu acho que pode ser lido como entretenimento. Como queira chamar. O telejornal não tem algumas peças de entretenimento? Algumas informativas, mas também têm algumas peças de entretenimento, ou não? Quando há peças de um espetáculo musical, do *Cirque du Soleil*, que agora vem cá, tem o papel informativo mas também de entretenimento. Estás a entreter as pessoas, estás a fazer-lhes companhia. Eu sempre interpretei assim. Eu continuo a dizer: a rádio tem de ser competitiva hoje em dia. Portanto, um relato não pode ser uma coisa "sem sabor". Isto é, temos de saber desempenhar um papel profissional, com rigor, mas também podes pintar um bocadinho o relato, isto é, podes dar-lhe o sal e a pimenta, podes dar às pessoas aquilo que elas querem, que é um bocadinho mais de emoção, um bocadinho mais de vibração, um bocadinho mais de alma.

JN: Mas isso não deixa, em certo ponto, de ser jornalismo? O jornalismo não deve ser completamente racional?

NM: Acho que sim. O jornalismo deve ser racional mas, neste caso da narração desportiva, é um trabalho um bocadinho específico, um bocadinho à parte, entenda-se isso. Na minha perspetiva, não deixa de ser informação. Não estás a informar as pessoas? Estás a falar do jogo, estás a falar da qualidade do jogo, estás a dar-lhe a informação de como está o jogo, qual é o resultado, quantas pessoas estão no estádio, como é que a equipa está a jogar. Portanto, estás a informar. Mas, ao mesmo tempo, continuo a dizer, podes também criar ali, por a narração desportiva ser um bocadinho especial, dinâmica, entretenimento, que eu acho que é a essência.

JN: Mas se tivesse que definir a narração desportiva, diria que ela é um género jornalístico?

NM: Sim, é um género jornalístico.

JN: Em relação à questão da opinião: o relator deve emitir ou não, opinião em relação ao jogo, quando tem o comentador ao seu lado?

NM: Eu penso que sim. O narrador deve narrar, o comentador deve comentar, só que o narrador não é propriamente um "papagaio". Porque se estivesse lá só a fazer papel de "papagaio" não era justificativo. Portanto, eu acho que o narrador também deve emitir opinião.

JN: Mas até onde é que deve ir a opinião do comentador?

NM: É um bocadinho complicado definir. Há quem diga que o narrador nunca deve estar em desacordo com a opinião do comentador. Ora, eu discordo disso. Apesar de ser uma equipa, nós não temos que ter todos a mesma opinião, por exemplo, há um determinado lance, tu tens uma opinião relativamente ao mesmo e dizes: "é penalti!". Eu posso achar que não é. Eu tenho que deixar de emitir opinião só porque parece mal?

JN: Mas onde é que o narrador deve parar? Quando é que não deve entrar no campo do comentário?

NM: Eu acho que a análise global ao jogo deve deixar-se para o comentador. Agora tu podes pontuar o jogo com pequenas opiniões. Podes completar um bocadinho a análise do comentador. Mas atenção: se eu estiver em desacordo com o comentador, por vezes, acabo por emitir opinião e dizer que estou em desacordo com ele aqui ou acolá. Porque, como te disse, não temos que estar todos alinhados. Portanto, eu acho que a análise global ao jogo deve ser do comentador, eu posso completar com pequenas opiniões mas não devo única e exclusivamente emitir opiniões. Não posso esquecer a narração.

JN: O relato devia ser só descritivo e factual ou pode usar hipérbolos e outros recursos estilísticos?

NM: Tudo depende de narrador para narrador. Há quem defenda que o relato deve ser muito rigoroso, descritivo e factual e eu respeito. Mas depois tens que perguntar aos teóricos, aos pensadores da rádio e da televisão em Portugal... Se nós vivêssemos à conta desses teóricos do jornalismo se calhar já nem tínhamos relato. Se o relato desportivo fosse somente descritivo e factual, sem ter aquele toquezinho, sem ter aqueles adjetivos e hipérbolos... É isso que muitas vezes dá um toque ao relato. Tu tens que cativar as pessoas.

JN: O que me está a dizer é que existe uma diferença entre a teoria e a prática?

NM: Claro! Quando se faz um curso e vem lá na teoria que é errado, vais perguntar se algum ouviu um relato de 90 minutos apenas com uma narração sóbria, mas só descritiva e factual. As pessoas desligam o rádio. Eu não sou de cantar...

JN: Mas é contra isso?

NM: Não. São estilos. Eu respeito, não é a minha onda. Tudo aquilo que eu apresento no relato, não levo nada escrito. Eu acho que o relato tem que ser inspirador, tem que ser emotivo, tem que

ser espontâneo e eu acho que uma das qualidades que eu tenho é exatamente essa espontaneidade. As canções tudo bem. Não quer dizer que eu não tenha já brincado com uma música ou outra, mas muito raramente. Eu não gosto de levar frases feitas para o golo porque acho que assim já não estou a ser verdadeiro. No momento do golo, aquilo tem que ser genuíno e é isso que cativa as pessoas e é exatamente isso que dá encanto à rádio.

JN: E para se ser relator, tem de se ser jornalista?

NM: Eu penso que sim, porque há uma série de regras que temos que cumprir. Tens que saber comunicar, tens que saber falar, tens que ter as regras básicas do jornalismo para poderes lidar com as várias situações. Eu dizer que um relato tem que ter alma, tem que ter chama, tem que ser cativante, tem que ser competitivo com a televisão, isso não invalida que não tenhas que ter algumas regras e tu quando vais fazer um relato tens que saber algumas regras, tens que ter as regras básicas.

JN: E tendo o relato esse lado mais emotivo, deveria ter o relator um código deontológico próprio?

NM: Isso é difícil... Penso que não. O jornalista desportivo já não é muito bem visto. Os jornalistas políticos têm-se em grande conta, mas são os jornalistas desportivos que são reconhecidos pelo grande público, que são apreciados, que são acarinhados, bem aceites e valorizados mas, se fossemos aqui criar um código deontológico especial para o relator, então não faltariam críticas. Aqui não há jornalistas nem de primeira nem de segunda, somos todos jornalistas. O código deontológico dos jornalistas é este e ponto final. Agora criar um outro código, não faria muito sentido.

JN: Em relação ao relator assumir a sua preferência clubística: sim ou não?

NM: Eu assumo que tenho uma certa simpatia pelo Benfica mas também deixa-me dizer-te, eu sei que se paga uma fatura por causa disso, mas eu sou totalmente independente quando a bola começa a rolar. Sou totalmente isento e rigoroso no meu trabalho. Mas se tu fores a um jogo em que uma equipa que esteja em campo proporcione um espetáculo mais agradável, com mais intensidade, com mais golos, tu envolves-te mais. Se a qualidade futebolística for menor, é natural que te envolvas menos, não tens muitos motivos para te envolver porque a qualidade do jogo também não está a agradar. É extraordinariamente difícil fazer um relato com falta de qualidade. Tu tens que ser rigoroso mas vai-te lá pôr a fazer uma narração de um jogo miserável, a descrever única e exclusivamente o que se está a passar sem refrescar um bocadinho... Já ninguém te está a ouvir há muito tempo.

JN: Mas retomando a questão da preferência clubística...

NM: Eu assumo e sei que pago a fatura. Mas uma coisa te garanto: sou altamente rigoroso na forma como desenvolvo o meu trabalho, quando a bola começa a rolar não há clubes. Até porque, atenção, o futebol não me move mais do que o trabalho. Gosto de futebol, sou um apaixonado por futebol, mas mais do que o futebol, é a minha profissão que está em causa. Eu nunca gostei de fanáticos, nem na política, nem na religião, nem no futebol. Portanto, eu assumo, sei que pago a fatura por assumir. Tal como na política, tal como na religião, todos nós temos preferências,

também no futebol podemos ter a nossa preferência. Isto é uma coisa que vem de miúdo. Sei que pago a fatura, mas quando a bola começa a rolar sou isento e sou rigoroso no meu trabalho, depois, quando o jogo acabar, posso pensar se teria gostado que ganhasse a equipa A ou B, mas isso é tudo indiferente, o que não pode estar em causa é o trabalho. Algumas pessoas, especialmente do Porto, dizem que sim, que não sou isento. Porquê? Porque não faço os relatos do Porto, só faço do Sporting e do Benfica. Ao não fazer os jogos do Porto, como eu me envolvo de tal maneira nos jogos, leva a que as pessoas pensem que eu sou realmente um grande adepto do Benfica ou até mesmo do Sporting. Mas a verdade é que eu não tenho hipótese de fazer os jogos do Porto. Mas se fizesse os jogos do Porto, seriam feitos da mesma forma, com a mesma envolvência. Já fiz a final da Liga dos Campeões e de uma taça UEFA do Porto e se fores pesquisar vêes a forma como eu me envolvi a gritar os golos.

JN: Acredita então que um relato emotivo não deixa de ser jornalismo?

NM: Eu acho que é jornalismo. Até mesmo os comentadores políticos têm o seu estilo, assim como os relatores. O que é isso de ficção? Eu quando estou a relatar não vou buscar ficção nenhuma. Não é por eu me envolver ou por dizer Mimimimimimi...Colli ou Táááááá...Cua que deixo de ser rigoroso. Agora, não é pela forma como eu me envolvo, ou pelas hipérboles que utilizo, que estou a deixar de ser rigoroso. Não há aqui ficção nenhuma. Eu poderia deixar de estar a ser rigoroso se a bola passar a 2 metros e eu disser que passa a 10.

JN: E em relação ao sensacionalismo? Os relatores recorrem ao sensacionalismo?

NM: Um bocado... Talvez. Mas se não for assim... Aquilo que tens que fazer ver aos teóricos é que eu não trabalho para os meus amigos ou para a redação, trabalho para as pessoas. A avaliação do meu trabalho é feita pelas pessoas e não pelos meus colegas jornalistas. Eu quero é que o sr. do talho, o taxista, o gestor da empresa, o cozinheiro, o pedreiro, o bancário... essas pessoas é que são a avaliação do meu trabalho. É para essas pessoas que trabalho e vou dizer-te uma coisa: ainda cá ando. As pessoas gostam do meu trabalho. Há quem não goste, mas isso é normal, não podemos agradar a todos. Se eu trabalhasse para a teoria, se fizesse um relato factual, rigoroso, sem nenhum adjetivo, as pessoas diriam: "este sr. é muito rigoroso". Mas o que é que isso interessa? Achas que se eu fizesse um relato como se fazia há 50 anos atrás, tu achas que alguém escutava? Estamos noutros tempos, se eu fosse relatar como se relatava antigamente, desligava tudo o rádio, hoje há outra forma de comunicar. As coisas também evoluíram. Agora cada um tem o seu estilo. Nós trabalhamos para as pessoas e são elas que reconhecem o nosso trabalho e são elas que nos dão valor e nós andamos aqui por causa delas. Uma coisa é o que se aprende na teoria, outra coisa é a prática. Devemos utilizar os conhecimentos do curso, sempre, mas nem tudo o que se aprende no curso é utilizado na prática e há coisas que não aprendes no curso e que são importantíssimas para a tua profissão.

JN: O relato desportivo é uma narrativa de autor?

NM: Eu acho que sim porque depende de quem o faz. Estamos a falar de estilos, estamos a falar da marca. O João Ricardo Pateiro não canta? Eu não sou um bocadinho vibrante de mais? Eu acho que às vezes até me envolvo demasiado nos jogos, então nos jogos da seleção nacional não há nada a fazer. Às vezes até quero pôr um travão na forma como me estou a envolver, mas isso

nasce com as pessoas... É do autor. Cada pessoa tem o seu estilo. Cada pessoa tem a sua envolvência. Cada pessoa tem a sua forma de narrar, a sua forma de passar a mensagem, a forma de gritar o golo, a forma de se ligar às pessoas.

JN: Para terminar, qual é o futuro do relato?

NM: Não sei. Mas acho que tem futuro. Acho que a rádio até está com pujança. A narração desportiva é algo que as pessoas gostam de ouvir. Quantas pessoas é que não tiram o som da televisão e colocam o som da narração desportiva? Portanto, as pessoas gostam. Mas porque é que será que as pessoas preferem ouvir a rádio do que a televisão? Por causa da emoção. Eu acho que o relato tem futuro. Pode até ser noutros moldes. A rádio não evoluiu? O primeiro relato deve ter sido feito por volta de 1930. Desde lá até hoje, as coisas evoluíram, a essência não diferiu muito, as bases não se alteraram, mas houve uma certa evolução. Se calhar daqui a alguns anos mantém-se o relato desportivo, acho que não vai morrer, mas pode, na minha perspetiva, haver falta de relatores. A culpa aí é um pouco do mercado. É um mercado muito fechado e hoje em dia as rádios não estão a fazer muitos relatos por causa dos custos, portanto não há grandes chances. Mas eu acho que continua a ter futuro, ao contrário do que se possa pensar. Espero que daqui a 20 anos possamos estar aqui a falar, mas também acho que é provável que haja mudanças.

JN: Mas tem ideia de que mudanças é que podem acontecer?

NM: Acho que pode aparecer noutras plataformas. Acho que as plataformas online podem ser realmente importantes, não exclusivas, mas importantes. Pode haver nas plataformas online uma grande evolução no futuro do relato desportivo em Portugal.

Anexo 6

Escuta de rádio pela Internet

%verticais	Ano				
	2008	2009	2010	2011	2012
Costuma ouvir	13,0	17,3	17,4	20,2	20,7
Ouviu nos últ. 7 Dias	6,4	8,4	8,2	9,7	10,3
Ouviu na véspera	2,0	2,8	2,6	3,4	3,8
Base (000)	8311	8311	8311	8311	8311

Base: Indivíduos com 15 e mais anos, residentes em Portugal Continental - 8.311.409

Fonte: Bareme Rádio

Anexo 7

Indivíduos que ouviram rádio na véspera

%verticais	Ano				
	2008	2009	2010	2011	2012
Total Rádio	55,0	57,0	55,9	57,1	56,9
Base (000)	8311	8311	8311	8311	8311

Base: Indivíduos com 15 e mais anos, residentes em Portugal Continental - 8.311.409

Fonte: Bareme Rádio

Anexo 8

Ranking de tráfego de entidades Web

Março de 2011



Medição *site-centric* padronizada de tráfego de sites

Entidades Web auditadas	Visitas	Ord	Gráfico	Pageviews	Ord2	Gráfico2	PV/Visita
Sapo (Home Page e Serviços)	38 856 110	1		187 187 678	1		4,82
A Bola	24 413 346	2		138 410 517	2		5,67
Record	18 194 426	3		105 472 432	3		5,80
Sapo Blogs	11 524 590	4		26 674 827	11		2,31
Público	9 748 278	5		39 087 044	6		4,01
Correio da Manhã	7 290 041	6		68 257 894	4		9,36
Mais Futebol	6 329 126	7		36 133 836	7		5,71
O Jogo	5 848 569	8		18 394 685	20		3,15
Sapo Notícias	5 547 010	9		34 244 254	8		6,17
IOL Homepage	5 402 177	10		17 197 429	22		3,18
JN	5 282 503	11		22 596 008	14		4,28
Jornal de Negócios	5 266 031	12		19 339 149	18		3,67
Diário Económico	4 994 083	13		16 711 392	23		3,35
TVI	4 858 535	14		30 627 844	9		6,30
Sapo Desporto	4 767 981	15		40 844 012	5		8,57
Expresso *	4 643 428	16		30 033 863	10		6,47
RTP	4 638 544	17		15 673 097	25		3,38
SIC online	4 166 038	18		19 212 852	19		4,61
DN	4 114 045	19		14 334 734	27		3,48
Sapo Vídeo	3 668 997	20		15 172 772	26		4,14
Sol	2 898 847	21		8 369 676	32		2,89
Clix Homepage	2 674 702	22		12 730 562	29		4,76
iOnline	2 327 172	23		5 682 157	38		2,44
Sapo Tecnologia	1 802 614	24		5 127 059	39		2,84
Sapo Tempo	1 800 822	25		5 063 582	40		2,81
Diário Digital	1 631 998	26		4 606 393	46		2,82
Sapo Jogos	1 627 565	27		11 174 052	31		6,87

.....

Anexo 9

Ranking de tráfego de entidades Web

Fevereiro de 2013



Medição *site-centric* padronizada de tráfego de sites

Entidades Web auditadas	Visitas	Ord	Gráfico	Pageviews	Ord	Gráfico	PV/Visita
Sapo (Home Page e Serviços) *	42 904 259	1		246 379 427	2		5,74
A Bola	31 647 134	2		223 436 984	3		7,06
Record	21 645 376	3		171 244 688	4		7,91
OLX ***	13 680 447	4		288 614 715	1		21,10
Público	10 818 697	5		52 799 859	5		4,88
JN	9 151 333	6		40 066 522	7		4,38
Correio da Manhã	8 038 622	7		52 731 930	6		6,56
Expresso	7 338 553	8		35 225 951	9		4,80
O Jogo	6 516 825	9		26 549 917	14		4,07
TVI	6 328 994	10		32 142 595	10		5,08
RTP	6 169 604	11		14 826 024	19		2,40
Mais Futebol	5 954 926	12		30 133 919	11		5,06
DN	5 462 093	13		18 106 538	17		3,31
Jornal de Negócios	5 145 539	14		12 256 812	25		2,38
Sapo Desporto	4 815 118	15		26 688 404	13		5,54
IOL Homepage	4 416 128	16		14 194 565	20		3,21
Económico	4 008 650	17		10 317 820	27		2,57
SIC	3 774 356	18		26 689 715	12		7,07
Sapo Notícias	3 506 102	19		36 939 968	8		10,54
Clix (Homepage e Blogs) **	2 576 351	20		8 751 865	29		3,40
Sol	2 501 967	21		5 832 815	40		2,33
Sapo Tecnologia	2 318 626	22		6 509 251	37		2,81
Rádio Renascença	2 184 943	23		8 585 925	30		3,93
Visão	2 048 414	24		8 064 876	31		3,94
iOnline	1 740 380	25		3 638 762	47		2,09
Diário Digital	1 739 469	26		4 141 198	44		2,38
Sapo Jogos	1 697 007	27		7 915 584	32		4,66
TSF	1 646 105	28		6 244 816	38		3,79

.....